

SALÉTE MARINA WEINSCHÜTZ

KYLI CONSTANTINO

IMPORTÂNCIA DA ESTIMULAÇÃO NA REABILITAÇÃO DO
DEFICIENTE AUDITIVO DE 2 A 4 ANOS

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista no Curso de Pós-graduação a nível de Especialização em Educação Especial do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA

1991

ORIENTADORA:

. MARCELINA XAVIER VICENTE

Pós-graduada na Universidade Federal de Educação
Curso de Especialização na Área de Deficiência
Auditiva

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter-nos dado força espiritual e determinação nos momentos mais difíceis desta caminhada.

A nossos pais amigos fiéis, companheiros encorajando-nos sempre que necessário.

A nossos filhos que pacientemente dividiram as atenções com as horas dedicadas ao estudo.

Ao Centro de Reabilitação da Audição e da Fala "Alcindo Fanaya Junior" pela gentileza em fornecer dados preciosos enriquecendo esta monografia.

Salête a seu marido Wilson pelo incentivo, carinho e apoio e a Escola Municipal Colônia Augusta por ter garantido espaço para realização deste estudo.

Kyli a seus colegas do CRAF pela compreensão e estímulo nos momentos em que tiveram que redobrar suas atribuições, podendo se dedicar ao estudo.

Nós cometemos muitos erros e
muitas faltas, mas nosso pior crime é
abandonar as crianças, negligenciando a
fonte da vida

Muitas das coisas de que
necessitamos podem esperar
"A CRIANÇA NÃO PODE"

A cada instante, seus ossos estão
sendo formados; seu sangue está
sendo produzido; seus sentidos
desenvolvidos.

A ela não podemos responder:
"AMANHÃ" seu nome é "HOJE".



Gabriela Mistral.

S U M Á R I O

1	<u>INTRODUÇÃO</u>	1
1.1	JUSTIFICATIVA	1
1.2	FORMULAÇÃO E DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA	3
1.3	OBJETIVOS	3
1.3.1	Objetivo Geral	3
1.3.2	Objetivos Específicos	4
1.4	METODOLOGIA	4
1.5	DEFINIÇÃO DE TERMOS	5
2	<u>DEFICIENTE AUDITIVO, FAMÍLIA E ÁREA DA PESQUISA</u>	6
2.1	DEFICIENTE AUDITIVO	6
2.1.1	Causas da Surdez	8
2.2	A FAMÍLIA	12
2.2.1	Papel dos Pais na Estimulação	14
2.3	CARACTERIZAÇÃO DA REALIDADE, DADOS E REGIMENTO ES- COLAR	17
2.3.1	Histórico do Centro de Reabilitação da Audição e da Fala "Alcindo Fanaya Jr." (CRAF)	17
2.3.2	Filosofia	24
2.3.3	Objetivos	24
2.3.4	Regime	25
2.3.5	Estrutura e Organização da Unidade Social	25

3	<u>MÉTODOS DE REABILITAÇÃO DO DEFICIENTE AUDITIVO</u>	27
3.1	HISTÓRICO	27
3.2	LINGUAGEM GESTUAL OU MÍMICA	29
3.3	LEITURA LABIAL	30
3.4	ALFABETO MANUAL, DACTILOLÓGICO OU DIGITAL	31
3.5	MÉTODOS ORAIS	32
3.6	ABORDAGEM MULTISSENSORIAL: MÉTODO SANDERS	34
3.7	MÉTODO GUBERINA (SUVAG - SISTEMA UNIVERSAL VERBO- TONAL GUBERINA)	34
3.8	MÉTODOS QUE ENFATIZAM A PERCEPÇÃO TÁTIL (MÉTODO TADOMA)	37
3.9	ABORDAGEM UNISSENSORIAL (MÉTODO ACUPÉDICO)	38
3.10	MÉTODOS ORAIS-GESTUAIS (MISTOS)	41
3.10.1	Novo Oralismo (Rússia) e Rochester (Estados Uni- dos)	41
3.10.2	Comunicação Total (Estados Unidos)	42
3.11	MÉTODO MATERNO-REFLEXIVO DE VAN UDEN	44
4	<u>ESTIMULAÇÃO</u>	53
4.1	A LINGUAGEM DO DEFICIENTE AUDITIVO	53
4.2	OBJETIVOS DA ESTIMULAÇÃO	54
4.3	ESTIMULAR O QUE?	55
4.3.1	Socialização	55
4.3.2	Psicomotricidade	55
4.3.3	Coordenação	56
4.3.4	Esquema Corporal	57
4.3.5	Hábitos de Higiene - A.V.D. (Atividade da Vida Diária)	57
4.3.6	Percepções	58

4.3.6.1	Percepção Visual	59
4.3.6.2	Percepção Auditiva	59
4.3.6.3	Gustativa e Olfativa	60
4.3.6.4	Sinestésica	61
4.3.6.5	Cinestésica e proprioceptiva vestibular (equi- líbrio, postura e movimento)	61
4.3.7	Linguagem	62
4.3.7.1	Vivência	64
4.3.7.2	Movimento e fala	64
4.3.7.3	Estimulação Musical	74
5	<u>CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES</u>	76
	<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	78

1 INTRODUÇÃO

1.1 JUSTIFICATIVA

Todas as pessoas portadoras de deficiência seja física, mental ou sensorial tem direito a educação sistemática amparada na lei.

A integração do deficiente faz-se necessário em nossa sociedade garantindo-lhe a oportunidade de se sentir participativo aproximando-o da vida normal.

Dentro de cada tipo de deficiência torna-se preciso uma programação específica, que permita realizar plenamente esta tarefa.

Esta monografia procurou organizar alguns dados relevantes que podem auxiliar no trabalho com a estimulação de deficientes auditivos de 2 a 4 anos.

Na história do deficiente auditivo constatou-se que antigamente era considerado como fruto da maldição dos deuses ou seres possuidores de virtudes misteriosas.

Por desconhecimento científico e das pessoas ligadas a ele, ficavam relegadas à própria solidão.

Hoje mudou-se o modo de pensar devido ao progresso da ciência fornecendo as explicações que a perda da audição pode ser proveniente de várias causas e que a pessoa deficiente da audição necessita apenas ser trabalhada.

Com o passar do tempo, tem-se aperfeiçoado os atendimentos especiais de caráter educativo, psicológico, médico, audiológico, acompanhamento e adaptação ao meio.

Passou-se desta forma a detectar a deficiência auditiva cada vez mais cedo surgindo o trabalho com a Estimulação pois a clientela das Escolas Especiais tem se modificado recebendo crianças muito pequenas para reabilitação.

Novas descobertas científicas tem aberto novos caminhos e com elas vieram para os deficientes auditivos os métodos.

Com os métodos as opções do professor tornam-se mais ricas em lidar com as crianças podendo aperfeiçoar seu trabalho buscando a competência necessária neste campo.

Na escolha de um determinado método o trabalho do professor realiza-se estimulando as várias áreas que a criança necessita para beneficiar-se o mais cedo possível da Estimulação.

Este estudo se justifica pela importância de se pesquisar sobre Estimulação e sua necessidade para a reabilitação da criança deficiente da audição.

Justifica-se porque na Unidade Social CRAF (Centro de Reabilitação da Audição e da Fala "Alcindo Fanaya Junior") a partir de 1988/89 a clientela atendida passou a ser de crianças menores o que anteriormente não acontecia se fazendo necessário uma compreensão maior de como a Estimulação pode beneficiar estas crianças.

Essa pesquisa leva em conta que a Estimulação necessita com muito critério, de planejamento, organização e funcionamento dos serviços que requerem adoção de medidas preliminares importantes que permitirão delinear os objetivos a atingir e analisar os meios e recursos disponíveis para tal fim.

Sabe-se que a linguagem é fator primordial nas relações que o ser humano estabelece e que através dela comunica-se para entender e ser entendido. A construção da linguagem é o eixo principal de um programa de estimulação, portanto, esta pesquisa leva em consideração este aspecto fundamental.

Justifica-se pelo valor prático de sua abordagem, acreditando-se na possibilidade de outras pessoas interessarem-se pelo assunto pesquisado.

1.2 FORMULAÇÃO E DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Este estudo visa responder a seguinte questão:

Como trabalhar-se em estimulação na reabilitação do deficiente auditivo de 2 a 4 anos?

O trabalho apresentado para este estudo, estará delimitado:

- a) para crianças de 2 a 4 anos;
- b) para crianças portadoras de deficiência auditiva;
- c) para conhecimento do Centro de Reabilitação da Audição e da Fala "Alcindo Fanaya Jr." no atendimento à crianças nesta faixa de idade portadoras de deficiência auditiva.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo Geral

Atender a população infantil deficiente auditiva de 2 a 4 anos, onde o crescimento, o progresso de estruturas mentais, morais e sociais, o desenvolvimento das forças e destrezas motoras, especialmente nas áreas de condutas de base (postura,

equilíbrio, respiração, coordenação global), a discriminação perceptiva e solicitação dos músculos mais finos com maior regularidade, devem ser enfatizados, buscando o crescimento intelectual e social dessa criança.

1.3.2 Objetivos Específicos

- a) Proporcionar informações pelas quais a estimulação resulte mais efetiva.
- b) Obter informações do Centro de Reabilitação da Audição e da Fala "Alcindo Fanaya Jr."
- c) Pesquisar sobre Estimulação e a importância que tem para a criança deficiente da audição.
- d) Informar sobre os vários métodos utilizados na reabilitação do D.A. (deficiente auditivo).
- e) Organizar sistematicamente todos os aspectos a serem trabalhados na Estimulação.

1.4 METODOLOGIA

Para se obter dados nesta pesquisa utilizou-se a metodologia descritiva embasada em revisão de literatura da qual coletou-se as informações necessárias e em observações no Centro de Reabilitação da Audição e da Fala "Alcindo Fanaya Jr."

1.5 DEFINIÇÃO DE TERMOS

Deficiência Auditiva: é a diminuição da capacidade auditiva, total ou parcial, por alterações no órgão auditivo, devido a problemas hereditário, congênito ou adquirido antes, durante ou após o nascimento, que impede ou tor-

na deficitária a aquisição da linguagem, produzindo alterações na comunicação.

Estimulação: é a utilização de técnicas e recursos, aplicados por equipe multidisciplinar, com participação efetiva da família, em crianças portadoras de deficiência com o objetivo de minimizar suas dificuldades, possibilitando um desenvolvimento tão normal quanto possível.

2 DEFICIENTE AUDITIVO, FAMÍLIA E ÁREA DE PESQUISA

2.1 DEFICIENTE AUDITIVO

A criança com uma audição permanentemente comprometida, pela própria natureza do seu distúrbio, sofre desvantagens que produzem um impacto em seu desenvolvimento e ajustamento total. Em geral, o que mais se faz notar nela é o seu modo diferente de falar. A dificuldade da linguagem resulta da audição imperfeita (não de defeitos no mecanismo da fala), e essa é apenas uma das desvantagens de que se fala. Os distúrbios auditivos influem de maneira drástica não só no desenvolvimento, mas também, por toda a vida, no uso das habilidades de comunicação pela linguagem: compreender o que se diz, falar, ler e escrever. Como a linguagem é necessária à comunicação social e à aprendizagem acadêmica, torna-se evidente que o dano causado por um distúrbio da audição representa muito mais do que uma simples redução da sensibilidade auditiva.

A surdez suprime a capacidade de fruir os sons que envolvem o ser humano e principalmente o priva de ouvir o outro e sua própria voz, não ouvir a língua falada fecha ao surdo a comunicação mais comum utilizado por todos: a comunicação oral. Um gesto, um livro, uma dança, um quadro sem dúvida comunicam, mas não substituem no cotidiano a linguagem oral.

Não há esforço de imaginação que possa dar a uma pessoa normal uma idéia do que seja ser surdo.

Deficiente auditivo é toda pessoa que apresenta uma perda acima de 25 decibéis em testes audiométricos, consideradas as frequências de 500 - 1000 - 2000 Hertz que é a zona da fala.

A surdez compreende todos os graus de falha na recepção auditiva.

Deficiente auditivo é toda pessoa incapaz de fruir sons.

Os tipos de surdez são: surdez de transmissão ou condutiva:

- surdez neuro sensorial;
- surdez mista;
- surdez central.

A surdez se classifica em:

- surdez leve de 25-40 decibéis;
- surdez média de 40-70 decibéis;
- surdez severa de 70-90 decibéis;
- surdez profunda acima de 90 decibéis.

Os surdos que se destacaram foram na realidade pessoas ensurdecidas, isto é, perderam a audição depois de terem adquirido a linguagem por via auditiva. Beethovem, Édson, Goya, são exemplos disto. Mas, que surdo conseguiu se destacar numa atividade tendo nascido surdo? A deficiência física de Tolouse, Loutrec, antes de um impecilho, foi, talvez a mola de sua criação artística. Será que as obras do aleijadinho teriam a expressão e sensibilidade que possuem se ele tivesse sido uma pessoa forte e saudável? Há muitos cantores e músicos entre as pessoas cegas.

E o surdo? Não podemos negar as dificuldades que há para a integração pois lhe falta a condição básica - a comunicação oral. Mas junto com esta barreira há aspectos positivos que devem ser aproveitados. A grande capacidade de concentração, a

percepção visual apurada, a franqueza, a perseverança, são características facilmente encontradas no deficiente auditivo.

O profícuo e intensivo trabalho de muitos, particularmente cientistas e pedagogos, está sempre ampliando as fronteiras da reeducação dos deficientes auditivos e revelando suas potencialidades e capacidades. O Ensino Especial que lhe é ministrado já conta com ponderáveis e eficientes recursos técnicos e procura, através de métodos e técnicas de ensino, aproveitar a audição residual, com a colocação de próteses auditivas; desenvolver a comunicação oral e desenvolver uma escolaridade tão próxima quanto a possível, do ensino regular.

A educação ou reeducação especial, como queiram, é o caminho. E este caminho não é curto, nem improvisado.

A escola ideal para a reabilitação do deficiente auditivo deve ser de tal maneira aberta e flexível, que proporcione a cada um oportunidades de escolha variada, de acordo com o interesse, aptidões, possibilidades individuais, familiares e comunitários.

O papel da escola especial no Brasil extrapola, em virtude de nossas condições sócio-econômicas, culturais, a educação formal. Deve, para que a educação obtenha resultados, atingir o aluno, a família e a comunidade.

2.1.1 Causas da Surdez

Hereditárias, congênitas ou biológicas:

- quando há uma alteração nos gens que se transmite segundo combinações congênitas;
- consangüinidade;

- teoria de Mendel (fator recessivo - anomalia de gens);
- lesão endócrina - hormônios, metabolismo basal;
- síndrome de Waardenburg;
- anomalia do espermatozóide ou do óvulo;
- rubéola;
- sífilis
- epilepsia;
- alcoolismo;
- otosclerose herediária;
- intoxicação da mãe durante a gestação;
- quedas durante a gestação;
- toxoplasmose (vírus quando ataca as células do baço);
- varicela;
- sarampo;
- herpes (3 a 4 meses);
- raio X;
- medicamentos (estereptomicina e janamicina);
- talidomida.

Causas pós-natal patológicas e adquiridas:

- otites;
- encefalites;
- meningite;
- icterícia;
- sarampo;
- parodontite;
- escarlatina;
- febres altas sem diagnóstico (vírus);
- antibióticos;
- senilidade;

- trauma nervoso;
- poluição sonora.

Causas neo-natais:

- prematuros;
- placenta prévia;
- fórceps;
- parto demorado;
- parto rápido;
- anóxia;
- eritoblastose fetal - Rh negativo
- causas sem diagnóstico.

Causas psíquicas ou falsa surdez:

- cerumem;
- amigdalites;
- adenóides;
- autismo;
- retardo mental profundo.

Com o passar do tempo, tem-se aperfeiçoado os atendimentos especiais de caráter educativo, psicológico, médico, audiológico, bem como os de acompanhamento e adaptação ao meio da criança deficiente auditiva.

As novas descobertas científicas têm aberto novos caminhos, com amplificadores, filtragem, prótese adaptadas, determinação do diagnóstico, planos educativos, métodos adequados, tratamento médico-cirúrgico, levando os especialistas a terem melhores condições de evoluírem no trabalho com os surdos.

O campo da surdez é extenso e complicado, há uma variedade de problemas que implicam em seu estudo.

A dificuldade da criança surda em adquirir a fala de maneira corrente e a sua impossibilidade de ouvir e falar dos outros são as mais comuns. Contudo as deficiências orais e auditivas dos surdos são mais amplas do que isso.

Participar de uma linguagem comum é requisito prévio para a plena integração da criança na família, na comunidade e na sociedade. Ouvir e falar adequadamente são de grande ajuda para o comportamento cooperativo.

Os sons mesmo não verbais, atuam como guias de comportamento e da compreensão. Ouvir e falar são as duas fontes básicas de informação e meios de interação social e o sentimento de segurança pessoal de cada um, na aprendizagem e manutenção não verbais.

A criança portadora de deficiência auditiva falta-lhe muito mais que a sua capacidade de ouvir outras pessoas normais de desenvolvimento. A perda auditiva resulta num meio informativo empobrecido mas também acarreta uma restrição de incentivo da criança para explorar o mundo.

Para que esta venha a despertar para o mundo é necessário um treinamento e métodos especiais.

Trata-se pois de educar o deficiente e formá-lo socialmente, aprendendo desta forma a viver normalmente na sociedade a que pertence.

A linguagem é muito importante, é através dela que se julga os outros e a nós mesmos, aprende-se a desenvolver as tarefas da vida. Atualmente existem possibilidades da constatação precoce, por volta dos primeiros meses de vida. Quanto mais cedo se inicia o trabalho com o deficiente auditivo mais condições terá de fazer uma boa reabilitação e a integração para que entre em contacto com o mundo e com as pessoas que a rodeiam.

O bom desenvolvimento da personalidade depende da aceitação da deficiência pela criança e da oportunidade para relacionar-se normalmente com outros. Mas tudo isso só é possível quando a criança recebe uma educação adequada, carinho e atenção.

Todo aquele que porta uma deficiência auditiva tem a personalidade de viver e de se realizar, senão na plenitude, pelo menos como expressando o máximo das suas potencialidades no nível em que se encontra e se realizando como pessoa.

2.2 A FAMÍLIA

A família é a única instituição que proporciona através da vida afetiva, a segurança necessária para o desenvolvimento e crescimento harmônico como pessoa. Os contactos dos filhos surdos com seus pais e irmãos são necessários para uma relação afetiva que irá proporcionar um clima de alegria, compreensão e responsabilidade que uma família equilibrada deve criar.

A aceitação da família em relação ao filho surdo exerce um papel fundamental na reabilitação do mesmo. Os filhos necessitam de seus pais que devem criar elas de forma profunda e amorosa.

Para resolver esse problema, no início pode parecer que a falta de comunicação com o surdo seria impossível, entretanto, se a família realizar um pequeno esforço, supera a angústia que vinha proporcionando a falta de audição de seu filho e é capaz de ver as imensas possibilidades educativas que existem e podem ser utilizadas.

A comunicação não será obstáculo para conseguir a integração total no seio da família e não será difícil, encon-

trar recursos apropriados para se fazer essa integração familiar e com o meio social.

Assim a família que exerce um papel importante na vida da criança precisa uma preparação, usar recursos adequados, técnicos que auxiliam o perfeito desenvolvimento emocional e intelectual do deficiente.

A preparação é muito mais fácil do que a princípio pode-se supor. A regra mais importante que se deve ter presente é a constância, a perseverança nas atitudes e ações do dia a dia.

Um dos pontos também importante é a criança crescer num ambiente falante.

Esforços especiais devem ser feitos para reforçar as reações da criança aos sons e as suas vocalizações espontâneas. Se os pais olharem para a criança, acudirem, atenderem suas necessidades, brincarem com ela mesmo quando chora, arrulha e fala, a tendência dela será para repetir sua vocalização.

É no lar onde tudo começa: adestramento auditivo, a leitura labial ou leitura da fala, aprendizagem da fala, socialização e interesse pelo mundo; retraimentos do surdo no relacionamento social é consequência natural de sua insegurança psicológica originada na infância.

O surdo precisa sentir-se membro da família em igualdade com os irmãos.

Pela dificuldade inerente do próprio deficiente a criança deve ser estimulada e ter o máximo de contato social com outras crianças, o que favorece sua socialização tão dificultada pela precariedade da comunicação.

A família, especialmente os pais, exercem grande influência. Deles depende a segurança que a criança sentirá para iniciar novos contactos, com outras crianças de sua idade, fora do grupo primário.

Quanto mais segura sentir-se em relação aos seus familiares, mais encorajada estará para buscar outras experiências gratificantes.

Quando o deficiente auditivo recebe todos os auxílios em casa, seu rendimento é mais elevado a cada dia e poderá tornar-se uma pessoa capaz de enfrentar a sociedade que atualmente exerce algumas barreiras.

Estas barreiras poderão ser superadas por eles, expressando suas capacidades desfazendo assim uma imagem pré-concebida e generalizada sobre os mesmos.

Deve-se crer que eles fazem parte do nosso mundo e tem deveres e direitos como nós.

2.2.1 Papel dos Pais na Estimulação

. A Mãe

Geralmente, é a mãe quem acompanha a criança às sessões de estimulação; é a mãe quem dedica mais tempo ao filho e quem faz o papel de auxiliar e educadora. A mãe dedica muito tempo, paciência e cuidado a criança surda durante os anos que possa durar a estimulação. Esta tarefa é, amiúde, incompatível com uma atividade profissional de plena dedicação por parte da mãe, já que o que interessa não é dedicar a criança meia hora diária de estimulação, senão dedicar-lhe um tempo menos disciplinado, mais generalizado, no qual possa compreender muito do

que se passa em sua vida diária, para que se baseie em seus próprios progressos.

O mais difícil desta estimulação não é o aspecto material; esta tarefa requer que a mãe chegue a conciliar os imperativos deste papel excepcional com as exigências de sua vida familiar e pessoal. Não se pode esquecer dos outros filhos só porque "este me absorve mais tempo". Este programa deverá então ser compreendido e aceito por todos os membros da família. Nesta tarefa, muito árdua certamente, a *mãe necessita muita ajuda, tanto no plano psicológico como no técnico.*

. O Pai

É habitual que o contato pai-criança seja, geralmente, menos freqüente, pelas obrigações profissionais do pai e porque este ainda entende (apesar da evolução da condição feminina), que a educação dos filhos é principalmente tarefa da mulher.

Entretanto, se para uma criança sem problemas sua presença é importante, neste caso o é muito mais e deve procurar fazer valer sua presença nos contatos que estabeleça com a criança. O pai deve se interessar por ele ainda que seja muito pequeno, participando - na medida em que seu tempo o permita e em que ele o possa - de suas atividades cotidianas; deve ajudar-lhe a comer, a vestir-se, ir com ele a passeio... e deste modo se estabelecerão intercâmbios de acordo com o que deve resultar como familiar à criança. Os contatos com o pai, freqüentemente se resumem a uns intercâmbios que ficam restritos em pequenos hábitos cotidianos, como por exemplo, quando regressa à tarde - fazer-lhe cosquinhas ou excitar-lhe; ou ao

contrário: adotar o papel de pai severo quando intervêm em uma discussão. Estas atitudes esporádicas não são suficientes; o pai deve se tornar mais íntimo, no mais trivial mesmo, com a criança; deve jogar tanto com o papel de *pai* como o papel de *pai de um filho surdo*.

O pai se sente, muitas vezes, um pouco excluído da reabilitação; é a mãe quem assume esta tarefa, ela que tem mais consciência do que se deve fazer com a criança, de como comportar-se ou não, como comunicar-se com ele. O pai se sente desconcertado, não sabe se deve falar com o filho ou não, não sabe como fazer para compreender suas reações e, sobretudo, não sabe como se fazer compreender. Não é raro que o pai se marginalize voluntariamente do plano reeducativo sob o pretexto de que não sabe o que fazer ou de que não dispõe de tempo, de paciência, etc... e se chegam a um ponto, podem criar situações mal equilibradas. Enquanto a mãe se esforça em seguir as orientações que lhe dão, incitando a criança a ler nos lábios, a criança mantém com seu pai uma relação de outro tipo, na qual a comunicação oral não tem lugar.

É aconselhável reunir os dois pais numa sessão de Estimulação, a fim de que o pai entenda melhor os objetivos que se pretendem; isto permite ter em conta as intuições de cada um, encontrar um equilíbrio entre a forma de ver as coisas de ambos, que nem sempre coincidem sob o ponto de vista educacional. Os pais que desejam estar profundamente informados podem também participar de sessões de grupo e donde as múltiplas atividades que se desenvolvem podem ser-lhes útil, ainda que isto não seja o indispensável.

2.3 CARACTERIZAÇÃO DA REALIDADE, DADOS E REGIMENTO ESCOLAR

2.3.1 Histórico do Centro de Reabilitação da Audição e da Fala "Alcindo Fanaya Jr." (CRAF)

No ano de 1930 - chegava ao Rio grande do Sul - o casal Dna. SOFIA e Dr. MARIANO ZIEMIANOWSKI.

Ele nascido na Polônia a 13 de maio de 1896. Filho de Francisco Ziemianowski e de Emilia Dunin Vasowir Ziemianowski.

Ela nascida também na Polônia em 22 de setembro de 1903, filha de Julianô Sudolski e Mariana Nalecz Laczynswc.

Formado em Medicina e Farmácia pela Universidade da Áustria onde trabalhou num grande Hospital como Clínico Geral e Otorinolaringologista. Especializado também em criança surda, dirigiu o Instituto Estadual de Surdos na Alta Silésia, na Polônia.

Estudou psicanálise com Sigmund Freud, em Viena.

Por seus relevantes serviços prestados a Polônia, recebeu a mais alta condecoração Polonesa - "Polonia Restituta".

Foi condecorado também, pela Cruz Vermelha de Genova.

Radicados algum tempo em São Paulo - Dr. Mariano teve a oportunidade de trabalhar no Hospital da Beneficência Portuguesa de Baurú.

Foi em Curitiba, que desenvolveu seus conhecimentos sobre diversos aspectos:

- Trabalhou durante alguns anos com o Professor Erasmo Gaertner no Instituto de Medicina e Cirurgia do Paraná.

- Foi chefe do Laboratório de "Pesquisas de Asfalto" - da Prefeitura Municipal - no Paiol da Pólvora - Hoje Teatro Paiol.

- Foi também, médico residente do Hospital Adauto Botelho e médico da Secretaria do Trabalho e Assistência Social.

Viveu no Brasil 40 anos. Em Caiobá - cidade que escolheu para repouso - faleceu em 1970.

- Dna. Sofia Ziemianowski - diplomou-se na Polônia, Professora Especializada para Educação de Surdos, psicologia infantil, Arte Dramática e em Farmácia.

- Atuou como membro da Associação Literária - Escritora - Publicou quatro livros.

É também pintora, cantora e pianista.

- Introduziu no Brasil o teatro Falado para surdos e, pelo seu esforço conseguiu através do Dr. Erasmo Pilotto na época Secretário de Educação do Paraná - que fosse implantado nas Escolas Paranaenses, o Teatro de Fantoques.

O Teatro Falado, apresentou-se pela primeira vez em Curitiba e no Instituto Nacional de Educação de Surdos do Rio de Janeiro, obtendo grande sucesso.

- São suas essas palavras: "Sinto-me feliz porque participei um pouquinho com nosso Estado no desenvolvimento cultural, ensinando as crianças surdas, o que tornou a minha vida mais cheia e realizada".

- Dna. Sofia aposentou-se como professora pela Secretaria da Educação e da Cultura do Paraná vivendo no Balneário de Caiobá.

Esse é um pequeno histórico do casal que conseguiu com grande esforço e coragem, fazer com que o Instituto de Recuperação de Surdos-Mudos do Paraná fosse criado. Esse histórico, está baseado em dados fornecidos pela própria Dna. Sofia e por

algumas pessoas que tiveram a oportunidade de conhecer e trabalhar com Dr. Mariano Ziemianowski.

Dna. Sofia e Dr. Mariano especializados na Educação para crianças surdas, lutaram dez anos junto aos órgãos competentes do Governo para a criação de um que atendesse o surdo no Paraná. Sentiam a premente necessidade de uma Escola cuja finalidade era, a de preparar a recuperação social e intelectual dos "surdos" através dos métodos da pedagogia especial aplicada e respectiva Assistência Social.

Viram seu sonho realizado no dia 17 de junho de 1953 através da Lei nº 1.143 - assinada pelo Dr. Bento Munhoz da Rocha Neto, então governador do Estado do Paraná.

O Instituto de Recuperação de Surdos Mudos do Paraná ficou subordinado ao Departamento de Serviço Social da Secretaria do Trabalho e Assistência Social, que subvencionava, sendo na ocasião - Secretário de Estado Cel. Alcides do Amaral Barcelos.

Sua primeira instalação provisória foi à Rua XV de Novembro, 1190 - em 1960, quando 03 pessoas iniciaram ao mais árduo trabalho:

- Dr. Mariano - Diretor;
- Dna Sofia - Ensino da fala e mais tarde a Professora Julinha Martins que lecionava na Escolaridade para 20 alunos mistos - no horário das 15 às 17 horas.

Em 1961, através a Portaria nº 256, de 08/05/61, do Exmo. Sr. Secretário do Trabalho E assistência Social, Dr. Felipe Aristides simão, foi constituída uma comissão especial composta pelos Srs.: Bel. Walter do Amaral, João Natividade Junior e do Dr. Mariano Ziemianowski, com atribuições para

Organização e Funcionamento do Instituto de Recuperação de Surdos-Mudos do Paraná, subordinado ao Departamento de Serviço Social daquela Pasta, em cujo Relatório apresentado observou-se o seguinte:

Teve seu funcionamento precário iniciado no dia 06 de maio de 1958, em Regime externato em vista de que, dentro desse regime não haveria possibilidade de satisfazer as exigências educacionais previstas. Era intenção da Direção, que fosse adotado também, o Regime de Internato. Porém, o prédio onde funcionava não permitia de maneira alguma, a modificação do sistema.

Assim, de conformidade com a vontade do Sr. Secretário do Trabalho e Assistência Social, seria criado um Internato e um Semi-Internato para o sexo masculino e um Externato e Semi-Internato para ambos os sexos.

A essa época, em 1961, o Instituto funcionava então, à Rua Ébano Pereira, 334, em prédio que não correspondia às exigências e as finalidades específicas, por motivos de escassez de espaço e por falta de área livre para permanência saudável dos alunos em horas de lazer. Sendo justo o motivo, seria conveniente planejar a sua futura mudança para um prédio mais adequado e que dispusesse de lugar para que os alunos pudessem praticar também exercícios físicos.

Regulamentado pelo Decreto nº 7.497, de 31/03/62, o Instituto de Recuperação de Surdos-Mudos do Paraná, inaugurou suas novas instalações no dia 14/02/62, à Rua Comendador Araújo, 388.

Nesta data, deram entrada 10 menores surdos provindos de outras escolas assistenciais.

Posteriormente, foram regulamentadas as suas matrículas e matriculados mais 30 alunos, sendo 20 internos e 20 semi-internos.

Na mesma data foi empossado o novo Diretor e as Professoras que se especializaram no Instituto Nacional de Educação de Surdos, do Rio de Janeiro, Zélia Maria Teixeira, Ingrid Margarida Mitt, Iracema Koswoski, Mariza Curcio e Wanda Jesiorowski, que formaram o novo Corpo docente do Ensino especializado no Paraná.

Com a criação do Instituto de Assistência ao Menor passou sua subordinação, em 1963.

Nesse mesmo ano, mudou-se para a Rua Dr. Murici, 1989, em prédio que proporcionava melhores condições de atendimento técnico.

Foram introduzidas na ocasião diversas inovações, que muito vieram contribuir no campo de Educação Especial:

- uma sala de aparelhagem para 10 alunos;
- atividades industriais para todos os alunos;
- confecção de material audio-visual; e
- oficina de artes.

Com recursos advindos do INES do Rio, o Instituto adquiriu o maquinário da oficina de Carpintaria e a Estufa para Cerâmicas, visando o melhor desenvolvimento do deficiente e sua integração profissional.

Foi implantado também o novo método de ensino para crianças surdas, sendo conseqüentemente, aumentado o corpo do pessoal docente.

Em 1967, foi implantado a reorganização administrativa do atendimento da Secretaria do Órgão.

Em 1969, foram introduzidas algumas modificações na administração.

O prédio onde funcionava foi condenado havendo aconselhamento pelas autoridades competentes para que os alunos fossem retirados do mesmo.

Houve também, além da divulgação da escola, a criação da Boutique (a garagem), para colocação no mercado comercial da produção artesanal confeccionada pelos alunos da Instituição.

Na administração precedente, em 1970, ainda não tinham dado uma solução concreta quanto ao novo funcionamento escolar. Houve muito empenho para que se processasse a mudança de local visando o bem-estar dos alunos.

Todo corpo docente e administrativo da escola permanecia em trabalho normal executando material necessário ao futuro desenvolvimento das suas atividades, não deixando no entanto de continuar divulgando o Órgão.

Em julho de 1971 foi o Instituto transferido para a Alameda Cabral, 475.

Nessa época foi criada a Associação de Pais e Professores do Instituto de Recuperação de Surdos-Mudos do Paraná, e por doação do casal Alcindo Fanaya foi instalado o Centro de Reabilitação da Audição e da Fala "Alcindo Fanaya Jr."

Para a instalação deste Centro seria necessário obter uma série de requisitos extremamente técnicos para o perfeito funcionamento de seus aparelhos. O casal em questão solicitou a FUNDEPAR a reforma das salas de aula respectivas, em número de seis, as quais, adequadamente preparadas receberam o Centro, criando então uma nova dimensão na era do Ensino do Deficiente Auditivo.

Foi através da FUNDETAR que diversas professoras fizeram curso de treinamento em aparelhos Vibrasom no Centro Vibrasom de São Paulo, onde se habilitaram totalmente o novo trabalho com a aparelhagem.

Promoveu ainda a divulgação da escola, a organização e a realização do II Congresso Brasileiro de Terapia da Palavra além de apresentações públicas no final do ano.

Estava também planejada e executada a planta da Escola Nova.

Em agosto de 1975, houve a total reforma administrativa do Instituto de Recuperação de Surdos Mudos do Paraná, com a implantação de novos métodos que modernizariam o desenvolvimento de seus trabalhos havendo necessidade do aumento do Quadro de Pessoal em todas as áreas e também:

- Montagem de Equipe Multidisciplinar;
- Reestruturação pedagógica;
- Criação do Regimento Interno;
- Divulgação - apresentações públicas.

Organizou-se a implantação de novos programas de atendimento científico e Cursos de Treinamento de Pessoal.

Foram promovidas Organizações de Seminários de Educação Religiosa e o de Reabilitação Auditiva.

Houve participação no "Dia do Calor Humano" e Conscientização e Mobilização das Empresas para posterior colocação profissional dos educandos, e também a criação do Clube de Mães, com atendimento às famílias dos alunos.

Foi formulado também, a reforma do prédio onde até então estávamos instalados.

DIRETORES:

Dr. MARIANO ZIEMIAOWSKI
 Dr. LUCIANO CELESTINO BENRADT
 Sr.^a FELICIANA SALGADO KRONLAND
 Prof.^a ZELIA MARIA TEIXEIRA
 Prof. AYRTON PROVISIERO FRANCISCHINI
 Irmã ROCILDA PEDROSA CASTELLO
 Sra. ALICE SOUZA NETTO MÜLLER
 Prof. AYRTON PROVISIERO FRANCISCHINI
 Prof.^a MARIA DE LOURDES NAUMANN
 Sr.^a MARIA YOLANDA GIOPPO DE TOLEDO
 Prof.^a MARIZA CURCIO MUZZI
 Prof.^a LUIZITA MARIA D'ALBUQUERQUE TEIXEIRA
 Prf.^a CIDALITA CAMPOS HIDALGO
 Prof.^a IÇARA RIBEIRO DOS SANTOS - atual

2.3.2 Filosofia

O Centro de Reabilitação da Audição e da Fala "Alcindo Fanaya Jr." tem como objetivo geral, a educação e reabilitação especial dos deficientes auditivos e sua integração social, dentro dos princípios humanistas.

2.3.3 Objetivos

Prestar atendimento à crianças e adolescentes portadores de deficiência auditiva, de ambos os sexos, na faixa etária de 02 à 18 anos; oportunizando desta forma o desenvolvimento máximo do potencial de cada um percebendo o deficiente como um ser capaz.

Prevenir a marginalização promovendo a reabilitação e a integração social de crianças e adolescentes portadores de deficiência auditiva.

Atender o deficiente auditivo na escolaridade de forma que a sua integração no ensino regular seja o mais breve possível.

2.3.4 Regime

A capacidade da Unidade é de 120 alunos de ambos os sexos.

Funciona em regime residencial de permanência limitada: internato quando não possui classes especiais no local de origem da criança, semi-internato as crianças que frequentam meio período na reabilitação e meio período na escolarização e externato em que a criança frequenta meio período no CRAF e meio período na Escola Regular.

A idade mínima para admissão atualmente é de 2 anos e a idade máxima 18 anos. Após esta idade o aluno é encaminhado para uma profissionalização.

Os dias letivos são estabelecidos de acordo com o calendário fixado pela Secretaria de Estado de Educação.

O atendimento é realizado nos dois períodos da 08:00 às 11:45 horas e da 13:15 horas às 17:00 horas de segunda à sexta-feira. Muitas crianças permanecem na Unidade nos finais de semana.

2.3.5 Estrutura e Organização da Unidade Social

A estrutura organizacional da Unidade Social Oficial

compreende:

- a) Nível de Direção
 - . Chefia da Unidade Social
- b) Nível de Execução
 - . Coordenação
 - . Serviço de Apoio Administrativo
 - . Serviços Gerais
 - . Serviço de Almoxarifado e Patrimônio
- c) Coordenação Programática
 - . Serviço Social
 - . Serviço de Fonoaudiologia
 - . Serviço de Psicologia
 - . Serviço de Saúde
 - . Serviço de Reabilitação
 - . Serviço de Pedagogia e Escolaridade Especial
 - . Serviço de Atendimento Integral

3 MÉTODOS DE REABILITAÇÃO DO DEFICIENTE AUDITIVO

3.1 HISTÓRICO

É um fato aceito que a educação do deficiente auditivo não começou antes do século XVI. Anteriormente os surdos-mudos eram considerados, geralmente, ineducáveis, o que era consequência da importância atribuída à palavra e à audição.

Na Espanha, o monge Pedro Ponce de Leon (morto em 1584) iniciou a educação de surdos-mudos através do uso de gestos difundidos em alguns mosteiros, como resultado de existir ali a regra do silêncio, usando-se também um alfabeto dactilológico (o essencial do método de Ponce) que se baseava na aprendizagem da palavra.

Em outros países também apareceram autores cujos escritos constituem notáveis contribuições. Entre eles, John Bulwer e Wallis (1616-1703) na Inglaterra, Van Helmont (1618-1699) e J.C. Amman, médico de origem suíça (1659-1724), na Holanda. Na França, no século XVIII, apareceram os primeiros educadores. Pedro J.R. Pereire (1715-1780), o mais célebre entre todos, era de origem espanhola.

A obra desses precursores se aproximava das concepções da pedagogia moderna, pois tinha como propósito a aquisição da fala por seus discípulos. Sem dúvida, a importância da leitura orofacial ainda não se havia manifestado, apesar de

Amman e Pereire já lhe daram certa importância. A comunicação do surdo-mudo com o professor se efetuava mediante a linguagem escrita ou dactilológica. O ensino era mais individualizado.

Foi através dos esforços do Abade de L'Epeé que todos os surdos-mudos tiveram acesso às escolas, independentemente de suas condições econômicas (escolas públicas).

O Abade de L'Epeé nasceu em 1712 (seu verdadeiro nome era Charles Michel L'Espée), foi ordenado sacerdote em 1738. Ignorando a obra de seus antecessores, criou um método diferente, baseado no emprego de senhas metódicas. A eleição deste sistema procede da idéia de que a mímica constitui a linguagem natural ou materna dos surdos-mudos. Mediante a ação, mediante a apresentação concreta, estabelecia-se a correspondência entre a senha e a coisa significada.

A influência do Abade de L'Epeé se estendeu além da França, deixando assim o método oral, que já começava a aparecer na Inglaterra, em situação desfavorável.

Os pedagogos alemães foram os que contribuíram para o progresso do método oral. A Alemanha resistiu sempre ao método das senhas e, no decorrer do século XIX. Iniciou-se a oposição entre o método alemão e o francês. Graças a M. Hill, os êxitos obtidos pelo método oral foram evidentes para comprovar sua eficiência.

O Abade de L'Epeé também reconheceu a necessidade da palavra falada para permitir aos surdos-mudos uma comunicação normal com as pessoas que ouvem. Assim sendo, idealizou um tratamento para combater a mudez, aplicando-o em alguns alunos que eram capazes de falar e ler os lábios.

Itard (1774-1838), contrário ao método das senhas, criou um curso de Articulação, no Instituto de Paris. Durante

muito tempo, o ensino da fala não obteve êxito. Para que o sistema desse resultado eram necessárias duas condições:

- formação de quadros de professores e dirigentes de educação; e
- adaptação precisa dos métodos e programas.

Somente em 1880, no 2º Congresso Internacional de Ensino de Surdos-Mudos, realizado em Milão, é que o método oral foi definitiva e oficialmente introduzido na França.

3.2 LINGUAGEM GESTUAL OU MÍMICA

A linguagem mímica ou linguagem dos gestos é um instrumento mediante o qual os surdos suprem espontaneamente a privação do som e da palavra, a fim de poderem comunicar-se entre si e com os outros.

A linguagem dos gestos é basicamente uma linguagem natural e universal. É o primeiro idioma que aprendemos nos braços de nossa mãe. Durante toda a vida usamos as mãos fazendo gestos e sinais para expressar nossas idéias com mais ênfase e clareza e tal hábito é tão natural como chorar ou sorrir.

Todos os deficientes auditivos possuem esse tipo de linguagem, sem que lhes tenha sido ensinado. A linguagem mímica é natural. Muitos dos gestos são comuns às diferentes linguagens mímicas. "A linguagem mímica é um produto natural do desenvolvimento de expressão" (WUNDT).

Os gestos podem classificar-se em três grupos:

- gesto demonstrativo ou indicativo: é o mais antigo e mais simples. A criança aponta ou indica o que quer nomear;

- gesto representativo ou imitativo: surge da capacidade imitativa da criança. Os mais simples são os movimentos de escrever, atirar, costurar, pegar, etc.;
- gesto simbólico: é utilizado para a transposição de idéias por associação. Ex.: aceno de cabeça (negação ou afirmação), sinal da cruz, aceno das mãos para dizer adeus, etc.

O Deficiente Auditivo forma grupos mímicos segundo os ambientes, porém compreende qualquer outro grupo diferente com grande facilidade. Podemos dizer que a linguagem mímica é inteligível a todos os que se habituem a ela, ainda que pertençam a grupos distintos. A linguagem mímica tem vida própria e modifica-se com o transcorrer do tempo e, como toda linguagem, vai enriquecendo com novos rumos. Seu maior defeito é que só expressa o concreto, prescindindo do abstrato. Apresenta alterações e simplificações gramáticas e sintáticas, criando incorreções na linguagem escrita.

3.3 LEITURA LABIAL

A leitura labial consiste em compreender as palavras do locutor, associando seu significado aos movimentos dos lábios. É um processo de linguagem receptivo que todas as pessoas utilizam, em determinado grau e que resulta de grande importância para os que têm dificuldade de audição.

Quando não se pode receber a palavra falada através do canal normal de audição, é essencial o uso de outro meio. Os surdos dependem totalmente das vias substitutoriais, o que se diferencia dos hipoacúsicos, que as podem necessitar só como suplemento.

A leitura labial se apoia na via sensorial da visão. A linguagem falada é composta de sons de fala identificáveis ou pequenas variações na pressão do ar que podem ser sentidas pelo ouvido.

A leitura labial apresenta algumas limitações, pois depende do elemento considerável do trabalho de adivinhação, e sua utilidade está confinada à fala. Além disso, é cansativa, pois requer concentração intensa.

Porém, pode ajudar a aumentar a utilidade do aparelho auditivo. Pode ser uma ajuda psicológica importante para a pessoa com deficiência auditiva grave. É também o meio mais importante para que ocorra a comunicação e a interação ambiental.

3.4 ALFABETO MANUAL, DACTILOLÓGICO OU DIGITAL

A dactilologia é a substituição das letras por sinais feitos com os dedos das mãos. É uma espécie de escrita no ar. Pode-se fazer com uma ou com as duas mãos. O nome dactilologia foi inventado por Saboureaux de Fontenay.

Parece que os antigos egípcios, gregos, judeus e romanos já haviam feito uso dos sinais com os dedos para simbolizar sons. Os monges que faziam votos de silêncio, principalmente na Idade Média, utilizavam esta prática para comunicar-se. O alfabeto manual ou digital é de grande precisão na comunicação com o Deficiente Auditivo. Não é espontâneo nem natural como a mímica e deve ser aprendido.

3.5 MÉTODOS ORAIS

A comunicação oral requer um esforço total por parte da criança, da família e da escola. Para se obter um bom re-

sultado são necessários os seguintes requisitos:

- a educação oral ocupa todas as horas do dia, todos os dias do ano e nela tomam parte ativa todas as pessoas que têm contato com a criança;
- a educação oral começa quando a criança nasce ou quando se descobre a deficiência. Se isso não acontecer, cada ano que passa, sem atenção devida, significará uma diminuição irre recuperável das responsabilidades de êxito;
- a educação oral não pode coexistir com meios de comunicação que não sejam orais. O uso de senhas naturais tornará o desenvolvimento de hábitos orais corretos;
- a educação começa no lar, e requer a participação ativa da família, especialmente da mãe;
- a educação oral requer atenção quase individual, devendo, portanto, os grupos (classes) serem limitados de cinco a seis alunos, aproximadamente, nas escolas, ou classes especiais dos grupos escolares;
- a educação oral requer professores especializados;
- a educação oral requer equipamentos especializados com aparelhos de amplificação sonoros, grupais e individuais. Todos esses requisitos tornam a educação oral custosa. O método oral é uma atividade integral, constando de várias partes:
 - a) treinamento sensorial: atividades preparativas cujo propósito é desenvolver idéias que permitam ao deficiente auditivo classificar e aumentar

- suas expressões básicas acerca do meio ambiente;
- b) leitura oro-facial: o meio fundamental da recepção oral, através do qual o deficiente auditivo chegará a compreender nossa linguagem;
 - c) treino fonoarticulatório: a parte mecânica da formação de sons e palavras, meio básico da expressão oral. Abrange respiração, voz, articulação e ritmo;
 - d) treinamento auditivo: meio receptivo de suprema importância para o deficiente auditivo, através do qual chegará a usar a pouca audição que tem, o melhor possível;
 - e) desenvolvimento da linguagem: é a parte mais sutil e abstrata do problema. As partes anteriores são habilidades mais mecânicas de recepção e expressão; esta refere-se à assimilação gradual dos significados e das formas de estruturação simbólica que dão representação às idéias, ou seja, à aquisição semântica e morfossintática da linguagem.

Nenhum desses requisitos existe de forma isolada. Várias atividades serão de grande importância a cada um dos aspectos mencionados. Concluindo, o método oral na sua forma mais amplamente usada, consiste em fazer com que a criança receba a linguagem oral através da leitura orofacial e amplificação do som enquanto se expressa somente através da fala; sinais e alfabeto são proibidos.

3.6 ABORDAGEM MULTISSENSORIAL: MÉTODO SANDERS

Partindo do pressuposto que a comunicação oral utilizará a via auditiva, é de interesse a utilização dos resíduos auditivos, através do treinamento auditivo com amplificação sonora.

É necessário fazer-se uma reavaliação da quantidade de informação que pode ser recebida através do canal auditivo depois de um período de treinamento, indicando em que extensão o deficiente auditivo necessita desenvolver o uso da via visual como uma fonte suplementar. A fala pode ser codificada de tal forma que pode ser recebida também através do tato.

Essa via sensorial é valiosa no treinamento de crianças surdas-cegas. Porém, com criança deficiente auditiva que tem uma visão normal, maior significado pode ser dado à observação dos movimentos articulatórios dos órgãos da fala, das expressões faciais, da postura de movimentos gestuais do falante e da observação de outros acontecimentos que ocorrem no ambiente na hora da transmissão da mensagem pelo falante.

3.7 MÉTODO GUBERINA (SUVAG - SISTEMA UNIVERSAL VERBOTONAL GUBERINA)

A base teórica do método de Guberina fundamenta-se em conceitos lingüísticos, de alguma "inovação" em relação à teoria estruturalista em que se pode inserir. Segundo GUBERINA (1965), a noção lingüística atual de "estrutura" é "parte e sempre fiel ao método analítico dos positivistas" e por isso "está no oposto dos métodos que derivam das noções de estruturas nas outras ciências".

Para GUBERINA (1965),

a noção do "ato de comunicação" corresponde a uma estrutura para a qual contribuem todos os elementos ocasionais e concretos que permitem o funcionamento da comunicação. Daí que passe a uma "estrutura de comunicação" e defina como "função essencial da língua" a expressão do significado pelo som.

Nessa transmissão pela fala são elementos, "valores", o som e o movimento. O som, porque é portador de um fator essencial, que é a entoação, a qual organiza os grupos rítmicos que constituem as unidades da frase. Para GUBERINA, a entoação "estabelece a realização estrutural do conjunto da língua" e é, segundo ele, o elemento essencial de significado oral. Os movimentos - gestos, mímicas - atitudes - contribuem igualmente para o sentido e são portadores dos significados afetivos.

Por fim, para haver "ato de comunicação" tem de haver uma "situação" e um "contexto", que determinam, em última instância, o significado de um ato de fala. Daí, privilegiar o diálogo que introduz a expectativa, o fazer ou dar na relação comunicativa.

Outro dos principais teóricos importantes do método. Suave na definição de "língua" é a lei da procura do "ótimo": o máximo de eficácia na comunicação.

Segundo suas concepções, GUBERINA utiliza os aparelhos SUVAG para a reeducação do deficiente auditivo. Segundo seu método, deve-se primeiro praticar a audiometria verbotal e descobrir os campos auditivos ótimos.

Os campos auditivos ótimos indicam os campos de frequência que devem ser amplificados e os que devem ser atenuados.

A audiometria verbotonal é a parte entre a audiometria tonal e a vocal: ela mostra qual a possibilidade de aproveitamento do aparelho auditivo conservado, qual sua extensão de intensidade, qual a sua compreensão em cada campo de frequência e as possibilidades de se chegar à transferência da compreensão para os campos de frequência baixos e altos.

A idéia de campos auditivos otimais é essencial na teoria verbotonal.

Essa teoria parte da idéia pré-estabelecida de que eles existem e que são sempre suficientemente amplos, independentemente das limitações de frequência, intensidade e local, para poder transmitir as informações da fala ao cérebro, que as rejeita ou aceita.

Conseqüentemente, o sistema verbotonal exigiu da eletrônica a construção de recursos tais que possibilitassem a transformação da fala em função da melhor percepção dos fonemas.

Os aparelhos do Sistema Verbotonal provêm do próprio método como um recurso de transmissão necessário. São eles: SUVAG, SUVAG II e MINI SUVAG. O SUVAG I é usado nos trabalhos em grupo e individual com anacúsicos, ou no início da reabilitação. Possui uma grande extensão de frequência (de 0m5 Hz até 20.000 Hz), com a amplificação por volta de 80 db. Isso dá ao paciente em início de reabilitação a oportunidade de ter estimuladas todas as frequências abrangidas pelo seu campo auditivo, as quais quase sempre estão situadas em frequências baixas.

Possui um sistema de filtros que possibilitam a transmissão do som de forma linear e que pode ser usado com fones ou vibradores, ou com os dois recursos ao mesmo tempo.

O SUVAG II é o aparelho usado no treino individual com o deficiente auditivo em fase adiantada de reabilitação e quando da necessidade de indicação da prótese.

O SUVAG I possibilita pesquisar na criança os campos ótimos que lhe são próprios. Utiliza-se o vibrador no trabalho inicial com crianças de pouca idade.

Através da audição da fala em campos ótimos obtidos no aparelho, faz-se a reabilitação e consegue-se melhor compreensão. O SUVAG II possui um sistema de filtros de quatro diferentes tipos, em níveis diferentes que possibilitem muitas alternativas de filtragem. Pode ser usado com fones, vibradores ou com SUVAG I. Esse aparelho possui também um modulador para a emissão da voz do reabilitador, o qual acentua ou atenua os graves e os agudos, conforme se fizer necessário. O vibrador, usado tanto no SUVAG I como no II, permite a transmissão do som por via óssea ou corporal. Estimula as células nervosas e dá possibilidade às impressões sonoras de chegarem ao cérebro por novos caminhos que não o conduto auditivo normal. O Mini SUVAG é o SUVAG I em minituara. Transistorizado e possuindo menor capacidade de intensidade, não pode ser usado nas aulas em grupo.

3.8 MÉTODOS QUE ENFATIZAM A PERCEPÇÃO TÁTIL (MÉTODO TADOMA)

Os procedimentos táteis se apoiam na utilização do sentido do tato da criança para poderem compreender as vibrações sonoras. O sentido auditivo histológico, anatômico e fisiológico não é maior que uma modificação do sentido tátil. O ensino pela percepção das vibrações foi chamado Tadoma por ALCOM (1932). Com ele, objetiva-se ensinar os surdos-cegos.

O ensino tátil é empregado com êxito para proporcionar ao deficiente auditivo as noções de vibração, intensidade, duração e ritmo. É um método individualizado, porque só uma criança pode ser ensinada de cada vez. O método tenta, por meio do tato, apresentar um modelo de linguagem natural e fluente. A criança aprende a reconhecer os nomes só pelo tato. Durante os 2 ou 5 primeiros meses, a criança é saturada de vibrações.

Em Paris, utiliza-se o esteófono, que consiste de uma prótese auditiva elétrica de grande intensidade, cujo vibrador ósseo é colocado sobre a apófise estilóide do cúbito. Com o mesmo objetivo pode-se utilizar o vibrador ósseo do audiômetro, seguro fortemente com a mão.

3.9 ABORDAGEM UNISSENSORIAL (MÉTODO ACUPÉDICO)

(Utiliza somente a pista auditiva) DOREEN POLLACK

O objetivo do método acupédico é explorar totalmente a audição residual da criança deficiente auditiva ajudando-a a desenvolver a sua personalidade completamente integrada dentro do mundo sonoro e ensinando-a a falar através do sentido da audição.

Um programa acupédico inclui uma detecção precoce da perda auditiva, uma adequação precoce do aparelho auditivo, uma abordagem unissensorial, um ambiente de aprendizagem normal à adequação e ao desenvolvimento de linguagem segundo os padrões normais de aquisição da criança ouvinte, o reconhecimento dos pais como primeiro modelo de comunicação e o atendimento clínico individualizado.

O objetivo é a integração biossensorial do deficiente auditivo no ambiente normal. A criança deve construir uma fonte

de informação e compreensão através do treinamento auditivo adequado. Deve compreender e entender que tipo de informação é relevante ou irrelevante numa situação e usar esses estímulos para melhorar sua habilidade de linguagem e compreensão das situações de vida e das relações humanas.

O programa acupédico começa com a detecção precoce da perda auditiva no berçário, logo depois do nascimento. Tão logo o diagnóstico da perda tenha sido feito e o tratamento médico tenha sido realizado, a criança deficiente auditiva deverá receber aparelho auditivo binaural.

A primeira fase do treinamento acupédico é, portanto, ensinar a criança deficiente auditiva a ouvir. Doreen POLLACK explica que, quando uma modalidade está prejudicada, como a audição, a tendência natural do corpo é compensá-la com outra. Neste caso seria a visão. Uma criança estaria instintivamente, neste estágio, aprendendo a leitura labial se não fosse ensinada a ouvir e a associar o som a um objeto, um sentimento, uma palavra, um cheiro...

Todo treinamento está ligado à conscientização e interpretação dos sons através de aparelhos que são usados durante todas as horas do dia em que a criança estiver acordada. O desenvolvimento da criança se dá através do uso do que se chama mecanismo de feedback auditivo. Isto é realizado em balbucio e risadas, e a criança aprende que o som tem significado. O desenvolvimento da linguagem segue os padrões normais.

Todo o treinamento acústico da fala e linguagem é feito num contexto rico e significativo das experiências e brincadeiras diárias da criança, usando-se como estímulos os interesses naturais da mesma.

Os pais são os primeiros modelos de comunicação. Portanto, é necessário que eles se tornem conscientes de seu lugar no programa acupédico. Isto é realizado através de visitas, observação e participação na clínica e por encontro de grupos de pais mais novos.

Como resultado de um programa acupédico, uma criança de 5 ou 6 anos pode seguir um desses caminhos:

- integrar-se num ambiente normal com alguma ajuda externa;
- ir para um ambiente especializado com uma educação básica e alguma integração com crianças ouvintes;
- ir para um ambiente mais especializado, tal como uma escola residencial.

Com treinamento acupédico, parte das crianças é capaz de se integrar num ambiente normal com alguma ajuda externa. O Dr. Guy PERDONCINI, de Nice, também é defensor do aparelho de amplificação sonora (Pulsatone), partindo dos condicionamentos de base. Criado após estudos científicos sobre comunicação humana, é baseado na audição, voz e linguagem e permite o restabelecimento dos circuitos normais da comunicação através da audição. Os condicionamentos de base visam restabelecer o sentido da audição, permitindo ao aluno a aquisição das características principais dos fonemas, a emissão da voz e o desenvolvimento da linguagem.

"O organograma da linguagem", também criado pelo Dr. PERDONCINI, vem facilitar a organização do pensamento e a estruturação da linguagem.

O método de PERDONCINI utiliza o suporte fisiológico da audição, partindo do condicionamento e do trabalho com logatomos e palavras (com lábios abertos). A criança recebe a estimulação

sonora fazendo uso de suporte visual para completar a informação auditiva insuficiente. O trabalho deverá ser baseado em diagnóstico e educação essencial com a utilização contínua de estimulação sonora. Assim, em todos os exercícios auditivos, trabalha-se com os lábios abertos para utilizar somente a audição. A criança começa a reconhecer sons agrupados, sons separados por silêncio, duração, frequência e intensidade e os agrupamentos de sons variáveis em estruturas. A conclusão prática a que conduzem os princípios metodológicos é a seguinte:

1. Exercícios auditivos: aprendizagem dos signos codificados, com os lábios cobertos;
2. Não utilizar a leitura labial clássica, mas a conversação normal, durante a aprendizagem da linguagem materna; o professor e os alunos trabalham, normalmente com a boca descoberta;
3. O desenvolvimento individual permite a introdução de elementos visuais para o suporte físico auditivo.

3.10 MÉTODOS ORAIS-GESTUAIS (MISTOS)

3.10.1 Novo Oralismo (Rússia) e Rochester (Estados Unidos)

Nos países escandinavos, assim como na maioria dos países, está havendo discordância quanto ao emprego de sinais ou não na educação do deficiente auditivo. Há vários argumentos técnicos e emocionais a competirem com os outros, e pesquisas estão sendo realizadas em ambos os lados.

Os russos desenvolveram a sua própria estratégia de ensino de linguagem da criança deficiente auditiva, o assim chamado *NOVO ORALISMO* que, segundo eles, levam a resultados melhores que

o método oral puro. Estes resultados são alcançados através do uso do método digital numa idade precoce, amplificação sonora e leitura labial. A partir dos 2 ou 2 anos e meio, quando o diagnóstico da audição foi comprovado, as crianças são submetidas a um período de treinamento durante 1 ano e 6 meses. Este treinamento envolve exercícios de movimentos dos dedos e reconhecimento das percepções dos movimentos das posições. Com 3 anos, a criança entra no Jardim de Infância com treinamento contínuo. Aos 6 anos, a criança entra no curso preparatório, o que representa uma tentativa mais sistemática na introdução da linguagem escrita.

Conclusão: Segundo os neo-oralistas, o início precoce do ensino da linguagem sistemática na base do alfabeto digital dá à criança condições de poder abonar problemas encontrados durante o seu tempo de escola e depois disto.

A linguagem, desse modo, dá à criança uma síntese adequada, fornecendo significado para a cultura e oferecendo-lhe as estruturas lógicas com as quais pode pensar e raciocinar. A segregação precoce ou a diferenciação dos graus de deficiência em subgrupos torna possível ter crianças com deficiência auditiva em escolas especiais. Nos Estados Unidos este método é denominado ROCHESTER. A criança recebe informações através da leitura labial, amplificação sonora e alfabeto digital e se expressa pelo uso sistemático da fala e do alfabeto digital.

3.10.2 Comunicação Total (Estados Unidos)

O termo "Comunicação Total" é relativamente novo. Na abordagem da comunicação total, a criança é exposta à leitura orofacial, à amplificação sonora, à linguagem de sinais e ao

alfabeto digital. A criança se expressa através da fala, de sinais e de alfabeto digital.

. ADVERTÊNCIAS

Embora muitos especialistas acreditem que a instrução oro-manual combinada fornece a última solução para o Deficiente Auditivo, os resultados não são alentadores. Por outro lado, é forte a evidência de que os métodos orais-manuais podem fornecer à criança D.A. instrumentos de comunicação que a levem a uma melhora do desenvolvimento lingüístico, acadêmico e psicossocial. Ao invés de perguntarmos se a comunicação manual deveria ser uma parte de qualquer programa instrucional, talvez fosse mais apropriado considerar que as crianças deficientes auditivas, numa população particular, seriam beneficiadas com elas.

De acordo com GALLAGHER (1958), todos os métodos de ensino para o D.A., quando aplicados às crianças, falham em alguma parte.

Deve-se, portanto, considerar alguns fatores relevantes para a escolha e eficácia dos métodos:

- a) época do aparecimento da deficiência auditiva;
- b) idade em que a deficiência auditiva foi detectada;
- c) grau, tipo e extensão da perda auditiva;
- d) diferenças individuais de cada criança deficiente auditiva;
- e) família;
- f) realidade sócio-econômica (da família e da comunidade);
- g) escola;
- h) formação dos professores especializados;

- i) filosofia educacional do país relacionada com os excepcionais.

3.11 MÉTODO MATERNO-REFLEXIVO DE VAN UDEN

VAN UDEN estabelece que os deficientes auditivos podem aprender a sua língua materna por meio oral puro. Segundo ele, "língua-materna é: um largo sistema de satisfazer a comunicação cultural, que é usado como uma segunda natureza, isto é, com origem normalmente na mãe" (VAN UDEN, 1977).

Quanto à expressão de "método oral puro para crianças surdar", VAN UDEN dá a seguinte definição: "uma educação monolingüística dos surdos, de forma que a fala rítmica e a leitura labial com percepção do som se torne a sua maneira direta e automatizada de conversar" (VAN UDEN, 1977).

Para atingir este fim, preconiza que o meio de comunicação privilegiado deve ser a conversação, quer quando se trate de a adquirir, quer quando se trate de a desenvolver ou de a utilizar na prática pedagógica. A conversação, no entanto, deve obedecer a alguns pré-requisitos que passamos a enunciar. O seu código deve:

- a) permitir trocas de pensamento;
- b) ser tão unívoco quanto possível;
- c) conter a maior quantidade de informações no menor tempo possível;
- d) permitir organizar sub-unidades de forma a permitir a extensão da mensagem, para treinar a memória a curto prazo;
- e) conter sub-unidades que se possam trocar entre os locutores;

- f) conter intenções, afirmações, perguntas, apelos;
- g) permitir o acesso simultâneo de vários interlocutores;
- h) ser o suporte do pensamento abstrato, da relação com transferência de sentido;
- i) ser suscetível de um alargamento ilimitado.

Estas são as condições indispensáveis a que um código utilizado com crianças surdas deve obedecer para que estas adquiram a língua materna. São igualmente o fundamento da prática pedagógica que deve estar presente no chamado método "materno-reflexivo".

Este método entronca nas filosofias dos métodos naturais, nos quais a linguagem é considerada como um processo a desenvolver do mesmo modo que na criança ouvinte. Desenvolve, por conseguinte, mecanismos de funcionamento com a criança semelhantes aos de uma mãe com um filho ouvinte. Introduce-se, no entanto, suportes que permitem ultrapassar as dificuldades originadas pela perda auditiva, nomeadamente o uso da escrita como auxiliar da memória para a linguagem.

Assenta-se em dois princípios fundamentais que são o desenvolvimento da conversação espontânea como base de toda a aquisição da linguagem e a aquisição das regras da gramática através de reflexões sobre a língua, feitas por processos de descoberta orientada, nos quais a criança surda, essencialmente a partir da escrita, irá descobrir estas regras através dos mecanismos que a criança ouvinte realiza com a linguagem oral.

Os resultados apresentados pelos testes de linguagem de crianças surdas profundas que têm vindo a ser educadas segundo tal método levam-nos a considerar como importante uma exposição do mesmo em termos mais pormenorizados. Por razões de clareza de

exposição, pareceu-nos importante que além da análise das características que definem o ensino da linguagem neste método, fosse também dada uma perspectiva da forma como o treino da fala é encarado neste processo, isto é, como fator essencial no desenvolvimento da linguagem.

. UTILIZAÇÃO DE CONVERSAÇÃO

Existe neste método dois tipos de conversação:

Conversação espontânea, que é desenvolvida a partir de um desejo de comunicação estabelecido entre a criança e os pais e educadores, segundo os mesmos processos que a mãe utiliza com a criança normal que ainda não fala e que são essencialmente dois:

Método de captação - através do qual, numa base de empatia e de comunicação não verbal, a mãe detecta aquilo que a criança gostaria de dizer e não é capaz de exprimir, a não ser por linguagem corporal. Esta linguagem é entendida e é fornecida à criança a forma verbal correspondente.

Desempenho de duplo papel - a mãe dá à criança não só a forma verbal adequada e que corresponde à parte que cabe a esta na conversação, como também a sua própria participação na conversa.

Ex.: a criança aponta para a casinha do cão e faz um gesto significando que não sabe onde ele está.

Mãe: - Onde está o cão (corresponde ao que a criança quiz dizer)

- Não está aqui! Foi à rua!

Este tipo de conversação vai sendo cada vez mais desenvolvido à medida que a criança evolui, sendo mais tarde também utilizado pelos professores. É uma conversação vivida em que

todos os elementos da classe tomam parte ativa e em que as perguntas utilizadas são verdadeiras questões, necessitando de facto de uma resposta que não é conhecida. É feita geralmente acerca de um tópico provindo das crianças ou evocado pelo professor. A atitude das crianças e do professor é aqui mais uma atitude de pensar e sentir um conjunto, que é expressa verbalmente.

Conversação lingüística, surge mais tarde e tem como finalidade fazer a criança refletir sobre o material resultante da conversação espontânea e organizado em texto pelo professor. Esta reflexão destina-se a fazer a criança detectar as regras da gramática que lhe vão dar o domínio da estrutura da língua.

. USO DE DEPÓSITOS

O material resultante da conversação, que é desenvolvida com a criança surda, é fixado num caderno diário em termos de conversação visualizada, de modo a poder funcionar para a criança como auxiliar da memória. Sobretudo no início da educação, o resultado de uma conversação será muito reduzido se a criança não tiver possibilidades de reter o que foi dito e utilizá-lo em novas situações. No caderno diário ficará, pois, aquilo a que pode chamar-se "conversação visualizada". Este suporte de memória será cada vez mais importante à medida que a criança cresce e o material verbal utilizado é mais complexo.

Nesta forma visualizada de conversação, a criança encontra aquilo de que falou, as respostas dadas pelos colegas e a forma alternada como a conversação se desenrolou.

. UTILIZAÇÃO DA LEITURA

Neste método, o desenvolvimento da leitura encontra-se

intimamente ligado ao desenvolvimento da linguagem. As formas escritas surgem nos diários da criança (com cerca de 4 anos) como forma de fixar a informação decorrente da conversação.

Neste tipo de crianças, a memória para a linguagem é fraca e não existem para ela, nesta idade, mecanismos de suporte para essa mesma memória (leitura ou articulação verbal). Assim, é necessário que a criança que não sabe ler seja capaz de, progressivamente, ir reconhecendo formas escritas diretamente relacionadas com experiências vividas. É uma leitura do tipo ideo-visual (DECROLY, 1907), em que a criança faz o reconhecimento global de formas escritas num contexto que ela associa facilmente à situação que as originou.

Ao fim de certo tempo, as crianças começam a ser capazes de identificar palavras que surgem mais freqüentemente, quer nos seus diários, quer nos diários dos colegas. É uma "leitura receptiva", em que a criança começa a ser capaz de receber informação a partir daquilo que lê. O trabalho realizado através das conversações lingüísticas irá permitir o desenvolvimento da leitura até ao domínio total do significado do material escrito.

A introdução precoce da leitura (cerca de 3-4 anos) deverá ser feita nos seguintes moldes:

- inicialmente, a leitura deverá ser usada de forma global e intuitiva, em contextos extremamente significativa, derivados de uma conversação espontânea;
- deverá ser totalmente ligada à percepção do som e da leitura labial, bem como às tentativas de produção de fala, de modo a que as crianças associem diretamente a leitura à fala produzida. A criança deverá aperceber-se de que aquilo que está escrito é o mesmo que foi dito

na conversação. Tal noção é facilmente dada pela utilização balões de fala, associados ao nome da pessoa que falou.

. DETECÇÃO DA ESTRUTURA DA LÍNGUA

Esta detecção é feita sempre com base na conversação linguística, a partir de todo o material escrito existente nos cadernos diários (conversação visualizada, textos, composições das crianças, etc). É um trabalho que pode ser iniciado bastante cedo (fim da idade pré-escolar), fazendo as crianças perceber, por exemplo, as mudanças sofridas por um verbo em função do calendário (Ex.: a expressão "hoje vamos passear" deverá, no dia seguinte, ser trabalhada de modo a chegar à forma "Ontem fomos passear").

Neste processo de detecção, não são dados modelos para a criança aplicar. Tenta-se que ela os descubra por si própria, conversando. Assim, em lugar de fazer listas de frases onde apareça uma determinada palavra ou expressão, o professor irá chamar a atenção da criança para essa mesma expressão quando ela aparecer, na conversação, registrá-la-a no seu caderno e levará a criança a procurar a expressão em casa quando surjam situações de conversação em que seja necessário utilizá-la.

Através da reflexão feita sobre o material escrito, a criança vai, assim, desenvolvendo a compreensão sintática e semântica, que é fundamental para a compreensão global da linguagem, quer falada quer escrita. Este domínio da linguagem a nível da compreensão é fundamental para a produção dessa mesma linguagem.

Não há neste método qualquer programa pré-estabelecido relativamente à gramática. A aquisição das regras da gramática é

feita por um processo de aprendizagem por descoberta orientada, em que a atitude ativa da criança é essencial.

. CONTROLE DAS PRODUÇÕES ORAIS

Para que o ensino da linguagem oral seja bem sucedido, torna-se essencial que as vias de compreensão e produção dessa linguagem sejam corretamente desenvolvidas. A compreensão oral far-se-á essencialmente por leitura labial, acompanhada da informação dada pelos resíduos auditivos e vibratórios, bem como da compreensão global da situação; a expressão oral (fala) terá também de ser ensinada, uma vez que, nas crianças surdas profundas, em consequência do não funcionamento do mecanismo audiofonatório, esta não se adquire espontaneamente.

Destes dois aspectos nós vamos agora ocupar:

. Leitura Labial

A leitura labial é encarada numa perspectiva global e sempre integrada na conversação. Numa base de conversação normal, do mesmo tipo da que é desenvolvida com a criança ouvinte, os pais estimulam o normal contato face-a-face, procurando que a criança surda se vá apercebendo da possibilidade de compreender alguma coisa do que os pais lhe transmitem oralmente, passando face dos pais a funcionar como fonte de informação. Isto motiva a criança para a procura de novas informações, atuando a compreensão daquilo que detecta como um reforço positivo. Gera-se assim, um processo de estímulo-resposta-recompensa-procura de novo estímulo. Este processo manter-se-á e será intensificado, permitindo à criança o desenvolvimento da compreensão.

. O Ensino da Fala

O ensino da fala a crianças surdas é um processo que se inicia precocemente (desde o apoio domiciliário, se possível) e que se desenvolve ao longo da aquisição da linguagem, com especial incidência nos primeiros anos de vida.

Este ensino tem duas finalidades:

- a) desenvolver na criança capacidades de produção oral em vista a inteligibilidade da fala. Para tal, é dada especial importância ao desenvolvimento do autocontrolo;
- b) fazer funcionar as produções orais ritmadas como mecanismo de suporte à memória para a linguagem. A fala irá funcionar como meio de expressão de uma linguagem que se vai desenvolvendo aos poucos, atuando ao mesmo tempo, através da informação quinestésica e motora, bem como do padrão rítmico que ocasiona, como um suporte de memória para essa linguagem.

. TREINO DA PERCEPÇÃO SONORA

No que respeita à linguagem, uma das conseqüências de um ensino demasiadamente visual será a dificuldade na utilização de elementos essenciais como o ritmo e a melodia da fala, que prejudicam, desta forma, a memória de curto prazo e, através dela, a reprodução seqüencial correta de palavras e frases. O desenvolvimento da percepção sonora e a integração da informação auditiva nos processos de aquisição de linguagem tem assim um papel essencial. O som e a vibração (não a produção da fala) irão ser inicialmente associados a movimentos corporais que tentarão representá-los.

Posteriormente a esta aquisição corporal das diversas características do som, vai ser possível encontrar formas rítmicas e melódicas de reproduzir expressões, frases ou mesmo pequenos textos (poemas, por exemplo), utilizando pequenas melodias construídas e produzidas pelas próprias crianças, através de instrumentos musicais. A integração da informação sonora dada através dos órgãos de sopro, juntamente com a linguagem, vai possibilitar o desenvolvimento do ritmo e da melodia e, através deles, do desenvolvimento do próprio equilíbrio emocional da criança.

4 ESTIMULAÇÃO

4.1 A LINGUAGEM DO DEFICIENTE AUDITIVO

A ausência da linguagem é evidentemente a consequência mais severa da surdez. Desde antes dos três, quatro anos, a estimulação deve voltar-se para o deficiente da audição a fim de proporcionar-lhe os meios necessários para preparar a organização da linguagem. Organizar a linguagem não é imitar sons, palavras e depois associá-los; é uma tarefa muito mais complexa e que parte do desejo de comunicar-se, tomar consciência do que dizem os outros, de que há coisas que se devem compreender, que as coisas têm nome, que há necessidade de entender noções, antagonismos que podem ser compreendidos, inclusive antes, de sua conversão à linguagem.

A criança entra em contato com o mundo que a rodeia por meio de todos os sentidos. Através de todas as vias sensoriais, a partir das quais a criança vai organizar um entendimento coerente das coisas ou dos seres de todo o universo próximo a ela. Esta organização do mundo da criança e certas vias sensoriais tem um papel de protagonistas: a **visão**, a **audição**, o tato e a este, tem que se acrescentar a sensibilidade profunda a qual tomamos consciência de nossas posições, movimento, de nosso ritmo.

O gosto e o olfato não são sentidos que se desvalorizem, apesar de que seu papel é mais secundário nesta engrenagem, que representa a soma de todo o vivido e experimentado.

A criança surda normalmente é privada de receber estas informações que iria estabelecer um desenvolvimento normal (sendo sumamente importante se conhecer a fundo as etapas deste desenvolvimento) a fim de se poder estimular ao máximo suas potencialidades, visto que se podem desenvolver possibilidades que desempenham um papel de compensação em relação a atitudes que por razão da surdez não se desenvolvem com normalidade.

A Estimulação persegue múltiplos propósitos, principalmente o de se apoiar em um conjunto de atitudes que tem um significado e um objetivo concreto de maneira que para cada criança se organize um plano de atuação. Sua eficácia está em função de uma distribuição dinâmica, de tarefas e funções a empreender, assim com o número, de atividades mais ou menos técnicas que servirão na vida cotidiana da criança.

4.2 OBJETIVOS DA ESTIMULAÇÃO

- a) Cultivar e explorar ao máximo as possibilidades própria da criança.
- b) Acentuar as produções sonoras espontâneas dos primeiros meses.
- c) Fazer todo o possível para que a criança tome consciência de que existe um mundo sonoro e uma linguagem.
- d) Aproveitar tudo que as diferentes vias perceptivas oferecem.
- e) Estimular o desenvolvimento de estrutura do sistema nervoso que responderão pelas atividades cada vez mais complexas.

4.3 ESTIMULAR O QUE?

4.3.1 Socialização

A socialização é um processo sócio-cultural permanente. Entende-se esse processo, que mediante a ele a criança aprende os diferentes papéis, hábitos e comportamentos necessários, para fazer frente às responsabilidades da vida em sociedade. Esse processo é crítico e fundamental nos primeiros anos de vida, uma vez que é durante essa fase que o indivíduo interioriza as normas morais, cívicas e da vida em sociedade necessários para seu desenvolvimento como ser social, devendo então harmonizar o desenvolvimento bio-psico-social da criança com as condições sociais e culturais do meio, ao qual se desenvolve.

Objetivos Gerais:

- a) Proporcionar meios que ajudem na adaptação e socialização no ambiente em que se desenvolve.
- b) Oferecer oportunidade da criança participar das atividades realizadas no meio familiar e no Centro de Reabilitação com seus familiares, companheiros, vizinhos e reabilitadoras.
- c) Atingir na criança respostas adequadas a situações concretas que se apresentam na vida diária.

4.3.2 Psicomotricidade

As habilidades ou condutas psicomotoras que permitem a criança um desenvolvimento integral são adquiridas, vividas e sentidas nessa faixa de idade, prolongando-se até mais ou menos 6 anos.

- a) Condutas de base são as mais instintivas. São elas: postura e reprodução, equilíbrio e coordenação fina e global.
- b) Condutas neuromotoras: ligadas ao amadurecimento do S.N.C., esquema corporal, lateralidade, tensão e relaxamento.
- c) Condutas percepto-motoras: orientação espaço-temporal, atenção e memória.

Objetivo Geral:

Facilitar a integração social da criança através do controle motor de tal forma que se favoreça sua aprendizagem e seu melhor desenvolvimento nas tarefas cotidianas como também na vida social.

. Psicomotricidade Geral

- a) Descrição: desde o seu nascimento, a criança vem alcançando conquistas importantes para seu total desenvolvimento, e a psicomotricidade grossa constitui um dos aspectos mais importantes na evolução integral da criança principalmente a nível motor.
- b) Objetivos:
 - 1. Exercitar a coordenação psicomotora grossa;
 - 2. Conseguir posturas adequadas e um bom equilíbrio corporal;

4.3.3 Coordenação

As atividades de coordenação fina se estruturam nos próximos meses de vida, com base nos esquemas de reflexos simples

que existem como recém-nascido, por exemplo o simples reflexo de sucção que aparece ante o estímulo da mamada e transformado posteriormente, por uma busca tátil ativa que representa uma atividade passiva. À medida que a criança vai evoluindo, a experiência começa a ditar diferentes tipos de ação. Como os movimentos das mãos se transformam em pontos de atenção para olhar: um objeto se transforma em algo para vir, alcançar e logo manipular. Pouco a pouco vai se constituindo num campo espacial, à medida que o olhar se coordena com o segurar e a sucção.

Objetivos:

Favorecer a coordenação viso-manual.

4.3.4 Esquema Corporal

O esquema corporal é uma estrutura adquirida que permite que uma pessoa possa apresentar a si mesmo, em qualquer momento e em todas as situações, as diferentes, partes do seu corpo, independentemente de todo o estímulo externo. Reside nele não só a possibilidade de tomar consciência individual, de cada parte, dedo, nariz, joelho etc; senão ao mesmo tempo o sentimento de posse de todos esses elementos a um único ser.

4.3.5 Hábitos de Higiene - A.V.D. (Atividade da Vida Diária)

Essa área tem a finalidade de proporcionar ao reabilitado, pais ou pessoas que trabalham com a criança, um guia que permita trabalhar de forma adequada, para que a criança alcance independência neste importante campo da vida.

O ensino é a prática dos hábitos de higiene e atividades da vida diária, se inicia desde o berço e prossegue até que a

criança consiga aprendê-las. Todas as pessoas que cuidam da criança devem prepará-la para a aquisição e o estabelecimento de sua personalidade.

Objetivos Gerais

- a) Promover independência na prática de hábitos, higiene pessoal e nas atividades da V.D. (vida diária).
- b) Favorecer controle das necessidades fisiológicas.

4.3.6 Percepções: Visual, Auditiva, Gustativa e Olfativa, Sinestésica, Cinestésica e proprioceptiva vestibular

Percepção sensorial é a capacidade neurovegetativa e vivencial no processo de desenvolvimento cognitivo do ser humano, que permite manter-se em interação constante com o meio, através da recepção de estímulos pelos canais eferentes como são os sentidos e a capacidade proprioceptiva em geral.

É pois importante que o indivíduo tenha, desde os primeiros anos de vida, intrauterina, a dotação genética de seus componentes somáticos e a interação destes seus componentes ambientais, em cada momento avolutivo, a fim de conseguir um desenvolvimento integral ótimo e sua completa identidade como pessoa. De tudo isto se deduz, que na área percepto-sensorial humana, podemos distinguir e devemos atender de forma específica as seguintes sub-áreas: visual, olfativa, auditiva, gustativa, somestésica, cinestésica e proprioceptiva.

Objetivo Geral:

Conseguir o desenvolvimento integral da percepção sensorial e sua completa identidade global.

4.3.6.1 Percepção Visual:- desde o momento do nascimento, os sentidos da criança estão prontos a captar e responder aos estímulos. A visão é imatura, devido a ausência do estímulo luminoso dentro do ventre materno. Segundo, investigação de Robert Fantz, o bebê pode distinguir, durante os primeiros dias, a cor branca e preta e preferencialmente olha padrões de linhas pretas e círculos sobre quadrados.

Até a 3ª semana da vida, o bebê mostra uma "atenção obrigatória" mantendo durante longos períodos um olhar fixo. A partir da 3ª semana mostra movimentos rítmicos dos membros e vai diminuindo os períodos de olhar fixo.

Segundo GESSEL, ILLG e BULLÈS, a percepção visual segue outras etapas:

- a) etapa neonatal: o fim principal é a coordenação mão-olhos;
- b) segunda etapa que cobre as 4 primeiras semanas e que se desenvolve a orientação postural;
- c) as 30 semanas se estabelece a fixação claramente;
- d) dá-se a acomodação do olho e a visão à distância perto e o reflexo retiniano;
- e) desenvolvimento da projeção aos 3 anos e meio.

Objetivos:

- . Promover o desenvolvimento da percepção visual.
- . Conseguir que a visão seja um enriquecimento de experiências sensoriais em todo os campos.

4.3.6.2 Percepção Auditiva - o som é um elemento muito importante na vida do homem. Desde o nascimento a criança se encontra

em um ambiente sonoro, já que os líquidos que o rodeiam e protegem, produzem ondas sonoras ao moverem-se.

Com o nascimento e desenvolvimento posterior a criança vai adquirindo mais experiência do seu ambiente. Por isso é indispensável estimular esta habilidade perceptual do seu ouvido, mediante atividades previamente graduados. Neste trabalho, tratou-se de oferecer aspectos ligados intimamente a audição, tais como: identificação, localização, discriminação, seleção, intensidade, ritmos e memórias auditiva.

Objetivos:

- Promover a identificação dos estímulos sonoros.
- Adquirir consciência do som.
- Estimular na vontade de ouvir a si próprio, os sons que produz, pelas suas atividades para depois ouvir os outros.

4.3.6.3 Gustativa e Olfativa - percebemos a sensação olfativa por meio do olfato nas fossas nasais, e está coberto por uma membrana mucosa, chamada pituitário.

Nela se encontram as terminações dos nervos que ao respirar levam sensações olfativas ao cérebro. O sentido do gosto está localizado na língua, onde se encontram as gustativas.

Chegam a elas, as terminações que enviam ao cérebro as sensações gustativas e dão lugar a quatro sabores elementares:

- o doce, que percebe na ponta da língua;
- o salgado, que é percebido também na ponta da língua;
- o ácido ou ágrido que se percebe nos lados da língua;
- o amargo, que se percebe na parte posterior da língua.

Objetivo:

Favorecer ao máximo o desenvolvimento de suas faculdades gustativas e olfativas como meios de conhecimento e de relação com o ambiente.

4.3.6.4 Sinestésica - ao falar de sinestesia, referimo-nos ao sentido cutâneo, ou da pele. Trata-se de receptores táteis que respondem diferentemente ao calor, frio, pressão alguns pontos de maior sensibilidade do sentido sinestésico, são:

- a ponta do nariz, sensível ao frio;
- as pontas do nariz que respondem ao calor;
- a ponta do nariz dos dedos que sente a a pressão e o contato;
- todo o corpo e suas diferentes partes que reagem ante o calor.

Também, através da pele, podemos distinguir o peso, tamanho e forma dos objetos.

Consistência: mole, duro, viscoso, pegajoso, etc...

Textura: liso, enrugado, poroso, esponjoso, suave, áspero.

Espessura: grosso ou fino.

Objetivo:

Dar oportunidade que enriqueçam as sensações da criança no ambiente do tato e suas variações.

4.3.6.5 Cinestésica e proprioceptiva vestibular (equilíbrio, postura e movimento) - as atividades relativas a cinestesia e a propriocepção vestibular dão às crianças a oportunidade de praticar posturas e movimentos corporais. Essas atividades seguem

a seqüência do desenvolvimento motor e postural da criança.

Essas duas sub-áreas se juntam, dada a semelhança de dois estímulos e das respostas associadas a seu funcionamento. Sem dúvida essas percepções variam em seus órgãos sensoriais, a propriocepção vestibular utiliza os canais semi-circulares. O primeiro sentido conhece a extensão, o tono e a pressão nos músculos. O segundo capta os dados necessários para manter o corpo com a gravidade ou equilíbrio. Ambos, os sentidos, se complementam com a visão e o tato e contribuem para a precisão dos movimentos e a posição corporal. O propriocepção vestibular se complementa com a audição.

Todos os exercícios de movimentos que se desenvolvem na área cinestésica devem ser realizados, acompanhados de conversação e descrição da atividade.

A duração do exercício depende da reação da criança entre as mudanças de posição.

4.3.7 Linguagem

A linguagem se desenvolve natural e espontaneamente constituindo-se em um processo que segue, em seu início, leis semelhantes em todas as crianças. No deficiente auditivo, o gorgoeio e o balbucio são vistos de forma semelhante.

Se queremos conseguir a fala natural temos que pensar sobre a existência e a gênese dela. Pré-fala e fala contém os principais componentes que temos que incluir nos métodos da formação da fala. A escala da fase da pré-fala e fala não se aprende pela ordem regular e mecanicamente, mas provoca-se na criança essa disposição e estado de espírito possibilitando a expressão da fala.

Todas as técnicas de reabilitação da audição e da fala devem ser primeiramente adaptadas ao nível de desenvolvimento da fala da criança, que nas crianças surdas corresponde ao grau da fala no qual a criança parou (mais ou menos 6 meses de vida). Os métodos pedagógicos tem que ser comparados com a idade cronológica, psíquica e maturidade intelectual.

Por não ouvir a própria voz, e depois a voz dos outros, a criança surda é parcialmente abalada em seu apoio interior. Como não pode ouvir o som que o seu corpo produz, ela não o pode concretizar no seu interior. Desenvolvendo a audição na criança, não criamos como primeira possibilidade a execução da fala, mas o mais completo apoio, do qual espontaneamente virá mais tarde, a fala. Agora não nos é estranho que em 1º lugar enfatizamos os exercícios para a audição da própria voz, porque ouvir se torna a condução mais completa de conhecer e desenvolver a fala.

A criança é conduzida então, a descobrir e a gostar de ouvir que pode falar, isto é, gostar de ouvir a sua própria voz e os sons que pode produzir e o próprio corpo, desejando, finalmente, ouvir também os outros.

Estaremos cometendo uma falta grave, se exigirmos antes do tempo o valor interno da fala, sem que esta criança tenha descoberto que a audição é a parte de sua própria natureza através de atividades internas dos próprios movimentos corporais. A reação da criança mostrará quanto conseguimos nesse campo. Vamos observar se ela ouve com atenção, com qual tonalidade de voz, percebe as variações de intensidade, reage quando percebe que fechamos o potenciômetro, experimenta a sua voz e outros. Se conseguirmos depois do primeiro ano de reabilitação que a criança aceite somente esta maneira de ouvir, então podemos estar seguros

que o acontecimento mais importante de sua vida e a base para o desenvolvimento mais natural da fala.

Objetivos:

- a) Formar o máximo de condições psíquicas necessárias a fala;
- b) Introduzir bem e por bastante tempo a criança, na fala;
- c) Desenvolver, na criança, a necessidade de falar, oportunizando as expressões de fala;
- d) Estimular o desenvolvimento da fala, mediante exercícios de fonação, articulação e compreensão de linguagem.

4.3.7.1 Vivência - toda e qualquer situação deverá ser trabalhada concretamente para estimular com maior intensidade as experiências vividas.

Objetivos:

- a) Fornecer, através de situações concretas, estímulos necessários para a aprendizagem;
- b) Estimular o desenvolvimento da fala através dessas situações.

Em cada unidade prevista, deverá ser escolhida uma situação em que as crianças poderão sair e vivenciar no próprio ambiente o que é estimulado no centro.

4.3.7.2 Movimento e fala - a estimulação do movimento do corpo tem uma função importante na reabilitação da fala e da audição porque os órgãos do aparelho fono-articulatório de uma

criança deficiente auditivamente estão preparados para funcionar. Não existem diferenças fisiológicas ou psicológicas a nível da fala da criança surda e da criança normal.

Elas se desenvolvem igualmente até o período do reflexo, dos movimentos musculares subconscientes, até a fase da primeira vocalização. A criança surda não tendo possibilidade de ouvir sua própria voz, não encontra feedback de repetição e variação desta. Neste ponto, a criança com problema de audição cessa seu movimento da fala. Por esta razão é tão importante encontrar a maneira adequada para criar tal estímulo.

O corpo humano é muito sensível às freqüências baixas e esta é uma das possibilidades de criar o feedback. Aqui, enfatiza-se que as baixas freqüências no som da fala não dissimulam freqüências altas e baixas dão a possibilidade de melhor informação.

"A percepção influencia a articulação, e a produção da fala fornece ao sistema nervoso a possibilidade de percepção através do princípio de feedback" (GUBERINA) "o ritmo fonético no Sistema Verbotonal".

Elementos de movimentos e elementos prosódicos de fala são comparáveis. Podemos vê-los melhor quando dividimos a fala e o movimento de seus elementos.

. Elementos prosódicos da fala são:

- a) ritmo;
- b) entonação;
- c) tensão;
- d) tempo;
- e) intensidade;
- f) freqüência tom.

- . Os elementos de movimento são:
 - a) tempo. O ritmo está incluído, é a seqüência dos acontecimentos no tempo;
 - b) espaço é a melodia do movimento, tem a característica da entonação;
 - c) tensão;
 - d) intensidade.

- . Os elementos comuns são:
 - a) ritmo;
 - b) entonação;
 - c) tensão;
 - d) tempo;
 - e) intensidade.

Além dos fatores mencionados acima, em trabalho nas estimulações do movimento do corpo para o desenvolvimento da fala a tensão é fator muito importante.

Os sons da fala diferem de acordo com o grau de tensão. Ficará claro se compararmos as eclusivas sonoras e não sonoras. Os pares de aclusivas P.B., T.D., K.G., que possuem o mesmo lugar de articulação, são completamente idênticas através da forma de movimento, mas diferentes através do grau de tensão. Assim descobre-se a dependência de tensão nos fatores físicos do movimento.

. Divisão da Estimulação dos Movimentos

- Dividimos a estimulação do movimento em quatro partes:
- a) movimento do corpo, para estimular a fonação;
 - b) movimentos funcionais, para estimular sons específicos;
 - c) movimento do corpo, para correção de sons específicos;

d) movimentos do corpo, para corrigir a pronúncia e percepção de palavras e sentenças.

. Movimentos do corpo para estimular a fonação e vocalização

O primeiro objetivo no trabalho com a audição defeituosa da criança que parou na sua fonação no nível do bla-bla, é estimular a criança a experimentar novamente um reflexo, um movimento subconsciente e mecânico que é o grito.

O grito:

O grito é um estado biológico, comunicativo. Está contido em todas as manifestações emocionais e crais da criança. Ex.: no choro, no riso, no canto, nos fonemas, nos logatomos, palavras e nas frases.

O grito é, portanto, a base da fala.

Em sua fase inicial não há comunicação, esta só aparece quando há uma resposta ao grito. Ex.: uma criança chora para chamar atenção de algo e consegue, aí então houve comunicação.

O grito contém todos os valores da fala e, a partir dele, iniciaremos o processo de demutização das crianças.

O grito é importante na formação da articulação e então tem-se que provocar esse grito nos surdos. Isto se faz através de movimentos. É importante nessa fase de estimulação através do grito, o contacto físico.

Através do toque e de vários movimentos com crianças, cria-se esta situação e disposição na qual a criança se expressará sonoramente.

Todos os movimentos são acompanhados pela voz e em situações e movimentos a criança começa a se expressar pelo som; em

seguida apresenta-se objetos, jogos que estimulem e prendem emocional e motoricamente para que o resultado final seja o grito espontâneo.

Inicialmente faz-se o contacto físico e emocional individualmente; posteriormente, com todo o grupo e a professora. Quando se obtiver o interesse da criança para que imite nossos movimentos, pode-se fazer variações em movimentos no tempo, intensidade e espaço. Essas variações resultarão em mudanças sonoras de intensidade, entonação e tempo. Essas são as primeiras variações na voz de uma criança pequena que ouve baseada na fala humana.

. Movimentos funcionais para estimular sons específicos

Depois de coordenar a fonação sonora através do grito, conduzimos a criança a um maior grau de desenvolvimento da fala onde, com ritmo específico e entonação, estimulamos a pronúncia de sons específicos e sílabas.

O movimento funcional para a estimulação de um som específico é um movimento que deve se unir a produção biológica da fala.

Aquele movimento que deve seguir a produção biológica, está basicamente dirigido pela qualidade da voz, pelo sentido da tensão do corpo enquanto a articulação de um som específico e pelas capacidades psicomotoras da criança em diferentes idades.

. Movimento para as vogais

- Movimentos para o/a/:

Sentamos perto para frente movimentos passam do aberto para o fechado.

- Movimento para v/o/:

O o é uma vogal meio aberta e meio fechada.

Trabalhar com os ombros arredondados, movimentos abai-
xar até o chão e subir.

Fechar com o encontro das mãos na frente.

- Movimentos para a vogal /u/:

Movimentos bem fechados, apertando os braços como que
cruzando e apertando na frente.

Fechar os braços ao redor do corpo.

- Movimentos para o//e/ e /i/:

O /é/ é um pouco menos tenso que o /i/.

Trabalha-se da cintura até os ombros.

O /i/ é tenso do pescoço para cima.

. MATERNAL I - GRAU PREPARATÓRIO

(crianças de 6 meses a 2 anos)

As crianças nesta idade, são individualistas, começam pouco a pouco a examinar ao seu redor. Os movimentos começam a ser mais seguros. Quando iniciam uma ação (ex.: correr) dificilmente interrompem. Os movimentos das mãos estão se organizando, mas os movimentos das pernas são ainda muito pobres. Espontaneamente, pulará com as duas pernas. Permanecerá por mais tempo em uma atividade, se lhes despertarmos o interesse. Aceita o professor como companheiro, de brincadeira, se ele souber ficar no seu nível.

Neste grau, devemos nos esforçar para organizar grupos de trabalhos, e desenvolver a imitação dos movimentos dos outros.

Com as situações onde a introduzimos emotivamente, estimularemos a vocalização espontânea, e deste jeito damos noções iniciais da fala.

Com as brincadeiras em movimento, desenvolvemos aos poucos a concentração e o início da percepção auditiva.

. *Objetivos:*

- desenvolver a capacidade psicomotora da criança e sua organização;
- desenvolver a audição;
- simular a vocalização espontânea.

. *Conteúdo:*

Os três objetivos ligados no trabalho. Desenvolvemos as capacidades psicomotoras das crianças através do sentido sinestésico do corpo, e nos servem como estimulação da audição e ativam a vocalização espontânea. A visão principal do desenvolvimento, do sentido sinestésico são todas as formas de locomoção (correr, andar, rastejar, rolar e saltitar). Todas estas possibilidades de movimento contém as variações do espaço-tempo, lugar e dinâmica. Podemos andar em uma linha ou em círculos, rápido ou devagar com preguiça (andar pesado) e leve, quieto ou barulhento. Correr em zig-zag, em círculo ou livremente com passos largos ou curtos, etc. Podemos nos movimentar de um círculo ao outro, sozinho ou em grupos. Neste grau as crianças já conhecem através dos movimentos devagar-rápido, longo-curto, em frente ou atrás, como também tensão e relaxamento, quieto e barulhento, forte e fraco.

Formando o movimento em brincadeiras movimentadas estaremos desenvolvendo a atenção, sentido do trabalho organizado e também estimularemos a avaliação.

Por exemplo: colocamos as crianças na parede, e a um sinal dado (com pauzinhos ou outro objeto) os chamamos até nós,

desenvolvendo assim sua atenção e coordenação em relação à nós.

Podemos variar dinamicamente, batendo no tambor e as crianças terão que andar devagar ou rápido.

Com nosso movimento podemos variar o conteúdo, as ações ou imitações. Através de pequenas coreografias conduzimos a criança a estados afetivos de delicadeza, alegria, luta, etc... estimulando desta maneira a vocalização espontânea que acompanham nossas ações...

Variando a maneira e a direção do nosso movimento nos transformaremos em: índios, gatos, borboletas, soldados, ursos, trens, etc... (a possibilidade de variação é inesgotável).

Neste grau é muito importante o contato direto da criança com o professor.

O professor deve brincar com as pernas e mãos das crianças porque neste grau a possibilidade de imitação dos nossos movimentos é mínima.

Brincando com suas extremidades (mãos e pernas) nós falamos sempre para estimular a percepção auditiva na criança.

. MATERNAL II - 1º GRAU

(crianças de 2 a 4 anos)

Nesse grau de desenvolvimento a criança é muito mais estável. Está mais segura dos seus trabalhos e desejos. Não muda tão rapidamente os objetivos de seu interesse e ação e também não interrompem estas mesmas ações.

Entende melhor, nossas exigências e reage mais positivamente à nossa influência. Se adapta mais facilmente ao trabalho em grupo.

Os movimentos são mais corretos e controlados. Vencem melhor a noção espacial que no ano anterior.

Os objetivos (deveres) são:

- Continuar o desenvolvimento do sentido cinestésico - função do corpo no espaço no tempo e na dinâmica;
- Estimular a vocalização espontânea e percepção auditiva da vocalização e dos sons;
- Estimular a percepção complexa do fonema definido a fala de um fonema definido e um grupo de fonemas;
- Estimular as primeiras palavras simples com base na estruturas rítmicas preparadas;
- Estimular as possibilidades da voz sem uma consciente correção.

. Conteúdo:

Neste grau também são feitos os exercícios de locomoção como no grau anterior somente com a diferença que as crianças já conhecem os exercícios e brincadeiras e por isso podemos dar maior atenção as finalidades individuais de cada exercício. O ponto principal é jogado para a concentração da execução e dos deveres e também na coordenação do movimento de certas partes do corpo como as fases que antecedem a coordenação movimento-voz. Andando como soldado e pulando como as bonecas de pano, despertamos a tensão e o relaxamento.

Juntando o andar de várias espécies de animais aprofundamos a sensibilidade da criança para as diferentes intensidades da força, assim como para o quieto e o barulhento.

Com os movimentos de maior duração, estimularemos a percepção auditiva e a reprodução dos fonemas de longa ou curta duração (vogais).

Mudando a maneira de andar ou correr, estaremos dando noção de rápido-devagar. Com o movimento do trabalho, ou marchando, ajudaremos a desenvolver o ritmo métrico em 2/4. Correndo e parando damos a simples forma rítmica de muitos e um.

Podemos fazer o ritmo duplo com o 1º ou 2º tempo acentuado.

Com a ajuda das disposições afetivas e emotivas em pequenas situações coreográficas, encorajamos a criança a vocalização espontânea e a ouvir a sua e a nossa voz, tendo em vista que o contato pessoal do professor com ela é ainda de grande importância.

Imitando os movimentos do trabalho e os movimentos da vida diária (empurrar, cavar, passar a roupa, pegar um objeto quente) estimularemos, através da qualidade do movimento, a estimulação de um fonema definido.

Na primeira fase do trabalho, o professor freqüentemente acaricia a mão da criança, ou a empurra para longe de si, ou puxa para si para a criança poder sentir a qualidade do movimento na sua totalidade.

Depois, puxamos ou empurramos os objetos imaginários, cavamos, batemos, passamos roupa, sacudimos o capote, acompanhando as nossas ações com os fonemas que com suas qualidades, correspondam a qualidade do movimento. A produção de um fonema definido, não é simbólica mas causal em combinação com o fator tensão, tempo e direção do movimento.

No trabalho, seguimos a progressão fonética (p-b-m-t-d-d-j-v-f-n- e as vogais).

Com coreografia de conteúdo, estimulamos as onomatopéias que antecedem as palavras. Com as onomatopéias e as estruturas irracionais, exercitamos os fonemas. As crianças gostam de brin-

car e falando se põem com as sílabas sem sentido, pronunciando-as em várias estruturas rítmicas e mudança de entonação.

Pelas brincadeiras, elas memorizam as estruturas rítmicas e exercitam a memória.

Com o movimento enriquecemos o conteúdo e o emotivamente as situações ou ações, com ajuda dos quais, damos os fonemas palavras simples, que usaremos em função da sentença-

Apresentando deste modo, o material de fala é fácil de memorizar. Mudamos a entonação para dar mais afetividade à palavra. Ex.: MAMÃE (podemos chamar, perguntar, ordenar, etc...). Cada palavra nova, deve-se variar com entonação e usar em algumas situações diferentes.

4.3.7.3 Estimulação Musical - As estruturas musicais tem:

- a) logatomos
- b) logatomos e palavras
- c) palavras.

É muito difícil com crianças pequenas fazer som que aprendam o ritmo. Precisamos prepará-las ritmicamente (papapa..pa) estabelecendo uma diferença entre quantidade e observação de pausa. O ritmo corporal prepara também para o ritmo musical.

No trabalho em grupo, desenhando, fazemos o mesmo com a criança. Ela recebe todas as estimulações através de uma situação para chegar a um determinado resultado. Dessas estimulações rítmicas fazemos estruturas do tipo "jogo" e depois a criança baterá no tambor. Se a criança não fala no começo e se acompanha o ritmo, ficamos satisfeitos. O professor do trabalho em grupo, pega um lápis e bate na carteira ou pega uma criança maior, com um tubo de papel vai andando e pronunciando papapapa

e faz movimento com o tubo. Desenhando, sabemos que a criança dificilmente faz círculos, mas gosta de fazer pontos e mais tarde podemos usar cores diferentes. Quando preparamos a criança para um só elemento mantemos uma pausa mais prolongada entre os fonemas.

É aplicado a qualquer logatomo, desde que a criança o tenha. Quando preparamos a criança para uma certa pausa, podemos dar a combinação dessas pausas. Ex.: op op op pa. Então a criança saberá separar 2 quantidade do todo. Quando chega a isso a criança saberá pronunciar duas sílabas em curto tempo.

Quando a criança já atingiu para falar dois elementos fazemos: pa pa po

papa papa po

Amplia-se a estrutura e a criança exercita seu órgão fonador e estará apta para pronunciar pequenas palavras: papai, pato. Já aí o tempo, ritmo e pausa serão diferentes.

Fizemos só com logatomos porque a criança parou na idade do balbucio.

O ritmo das estruturas musicais é conhecido das crianças ouvintes que usam em jogos e geralmente imitam os sons naturais.

Por que elas memorizam?

Porque a estrutura é baseada no ritmo. Com essas estruturas rítmicas queremos dar boa articulação a criança surda que entende bem as estruturas rítmicas, porque são compostas na maior parte de freqüências baixas. Por isso a criança é capaz de articular bem. Cada criança surda tem em si a força potencial para o ritmo junto com a articulação e ritmo desenvolve-se também a motórica (coordenação motora).

5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Os problemas das crianças deficientes são de uma forma geral, o resultado de séculos de ignorância, superstição e medo. Nos países em desenvolvimento, estes problemas estão combinados com as inevitáveis limitações que acompanham a pobreza e o subdesenvolvimento.

A população não tem acesso a informações sobre as causas, prevenção e tratamento da deficiência infantil. Diariamente nascem crianças vítimas de algum tipo de deficiência, outras adquirem a deficiência durante o parto ou no decorrer dos primeiros meses e anos de vida ou depois com mais idade.

No entanto, atualmente por consciência de vários profissionais verifica-se que o diagnóstico de uma determinada deficiência pode ser detectada logo no início encaminhando-o para um atendimento. Dessa forma a Estimulação vem contribuir para que esta criança utilize-se muito cedo de técnicas e recursos minimizando suas dificuldades, possibilitando um desenvolvimento tão normal quanto possível.

É preciso que a pessoa deficiente auditiva tenha condições de freqüentar escolas especiais onde o ensino será ministrado de maneira especial e por pessoas preparadas, que conheçam profundamente o assunto.

É preciso também que se tenha maior número de escolas especiais com atendimento como o Centro de Reabilitação da

Audição e da Fala "Alcindo Fanaya Jr.", onde há todos os recursos necessários para se fazer integrar o deficiente auditivo na sociedade que é seu principal objetivo.

Diagnostica-se, também, necessidade de serem desenvolvidos programas envolvendo a Estimulação.

Muitos métodos para a educação de crianças deficientes da audição existiram e muitos destes métodos ainda são usados obtendo resultados positivos mostrando sua validade, além dos estudos feitos atualmente aprofundando conhecimentos que poderão resultar em novos métodos.

Este estudo procurou englobar os vários métodos existentes para que o profissional tenha conhecimento e possa optar pelo método mais adequado à sua clientela.

Trabalhar com Estimulação não é tarefa fácil, pois antes de tudo, além de cursos de especialização é necessário ter interesse, ligação afetiva com a criança pequena e procurar envolver os pais no trabalho.

Conclui-se que quanto mais cedo a criança tem oportunidade de ser estimulada melhores serão os resultados obtidos.

É indispensável que todos procurem a Socialização para um maior rendimento na expressão oral do deficiente auditivo, tendo assim condições de evoluir e aperfeiçoar seus conhecimentos, criando chances de participar intensamente na sociedade com estrutura para vencer barreiras e lutar por um mundo melhor.

Sugere-se que sejam feitos outros estudos e maiores aperfeiçoamentos sobre este tema, visando a análise da proposta desta pesquisa, assim muitas questões poderiam ser clareadas relativas a Estimulação no processo formal de atendimento e assistência à clientela da Educação Especial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. APAE. Centro de Estimulação Precoce. Centro de Habilidade. Estimulação precoce: guia de orientação a pais. São Paulo, 1985.
2. CENTRO DE REABILITAÇÃO DA AUDIÇÃO E DA FALA "ALCINDO FANAYA JR". Regimento interno da unidade social oficial CRAF. Curitiba.
3. Plano de ação da unidade social oficial CRAF. Curitiba.
4. DAUDET, N. ; MORGAM, Alain ; AIMARD, Paule. Educación precoz del niño sordo. Barcelona: Today-Masson, 1978.
5. DÓRIA, Ana Rimoli de Faria. Ensino oro-audio-visual para os deficientes da audição. Rio de Janeiro, 1958.
6. FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN. A criança deficiente auditiva: situação educativa em Portugal. Lisboa.
7. JOHNSON *et alii*. Educação de excepcionais. 2.ed. Porto Alegre : Globo, 1982.
8. LOWE, Armin. Detección, diagnóstico y tratamiento temprano en los niños con problemas de audición. Buenos Aires : Médica Panamericana, 1982.
9. MOTTIER, Cristiane. A importância das estimulações do meio ambiente sobre o desenvolvimento da criança surda. Porto Alegre : MEC/SEPS, 1982.
10. QUEIROZ, Aidyl ; PEREZ RAMOS, Juan. Programas e serviços de estimulação.
11. TELFORD, Charles ; SWAREY, James. O indivíduo excepcional. Rio de Janeiro : Zahar, 1983.